UNISINOS - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

CONJUGALIDADE NOS ANOS INICIAS DO CASAMENTO: EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA DE ORIGEM

Mestranda: Josele Nadin Venturini

Orientadora: Dra Denise Falcke

CONJUGALIDADE NOS ANOS INICIAS DO CASAMENTO:

EXPERIÊNCIAS NA FAMÍLIA DE ORIGEM

Mestranda: Josele Nadin Venturini

Orientadora: Dra Denise Falcke

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Área de Concentração Psicologia Clínica, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Leopoldo, 2011.

Ficha Catalográfica

V469c Venturini, Josele Nadin.

Conjugalidade nos anos inicias do casamento: experiências na família de origem / Josele Nadin Venturini. $-\,2011$.

100 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011.

"Orientadora: Dra Denise Falcke."

1. Família – Aspectos psicológicos. 2. Genética do comportamento. 3. Casamento. I. Título.

CDD 155.645

CDU 159.922.3

Catalogação na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes - CRB 10/1298

"Não somos apenas o que pensamos ser. Somos mais; somos também, o que

lembramos e aquilo de que nos esquecemos; somos as palavras que trocamos, os enganos que

cometemos, os impulsos a que cedemos, [sem querer]".

Sigmund Freud

Agradecimentos

Ao finalizar mais um caminho percorrido em minha vida, gostaria de agradecer pessoas importantes, que de forma especial, contribuíram para que o meu objetivo de realizar o Mestrado fosse alcançado.

Inicialmente, agradeço à minha orientadora Denise Falcke. Seus ensinamentos, postura compreensiva, ética, conhecimento e experiência expressam a sua grandeza como pesquisadora. Obrigada pela inspiração para dar seqüência e transformar um projeto em dissertação, um sonho em realidade.

Às professoras Andréia Seixas Magalhães, Rita de Cássia Sobreira Lopes e Sílvia Benetti, integrantes da banca examinadora da qualificação do projeto, que ajudaram a ampliar meus conhecimentos e abriram novos horizontes para transformar o projeto em dissertação.

Aos casais participantes desde estudo que abriram suas bagagens para colaborar com a minha pesquisa, meu profundo agradecimento!

Agradeço a todos meus colegas de trabalho, que participaram da minha trajetória de preocupações e angústias com palavras de incentivo e que entenderam minhas ausências.

E, por fim, agradeço as pessoas mais importantes da minha vida que, em todos os meus passos, carrego um pouquinho de cada um em minha bagagem, minha família!

Aos meus amados pais! Vocês me proporcionaram vivenciar as mais belas experiências de vida e sou muito grata a isso. Estou conquistando mais um sonho, por vocês depositarem em mim a confiança e a força para vencer sempre e jamais desistir. Suas palavras sábias me apoiaram em cada obstáculo que precisei contornar e esses valores estão ocupando um lugar especial na minha bagagem.

Aos meus queridos e adoráveis irmãos! Meus amigos, confidentes, companheiros. Obrigada pelo apoio, pelas palavras de incentivo nos momentos em que mais precisei. Vocês fazem parte dessa conquista!

E, ao meu amor, Leandro! Obrigada pelo incentivo, por acompanhar toda essa trajetória, por ouvir cada parágrafo concluído, pela paciência, por me compreender nas dificuldades. E, principalmente, por ser meu grande companheiro e vivenciarmos felizes nossos anos inicias do casamento!

É a todos vocês, que dedico este trabalho!

Sumário

Resumo	9
Abstract	10
Apresentação	11
Seção I – Artigo Teórico	13
Resumo	13
Abstract	
Introdução	15
A perspectiva psicanalítica da transmissão transgeracional	
A perspectiva sistêmica da transmissão transgeracional	25
Transgeracionalidade na prática clínica em psicologia	
Considerações finais	31
Referências Bibliográficas	32
Seção II – Artigo Empírico	37
RESUMO	37
ABSTRACT	38
INTRODUÇÃO	39
QUESTÕES NORTEADORAS	41
MÉTODO	
1. Participantes	
2. Instrumentos	
3. Procedimentos de Coleta de Dados	
4. Procedimentos de Análise dos Dados	44
RESULTADOS	
CASAL 1 – Gisele e Lucas	
CASAL 2: Aline e Davi	
CASAL 3 – Luana e Eduardo.	70
INTEGRAÇÃO DOS CASOS	88
Considerações Finais	93
Referências	95

ANEXOS	98
Anexo A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa	99
Anexo B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	100

Resumo

As experiências na família de origem impactam a trajetória do sujeito em vários aspectos de sua vida futura, dentre eles a formação da conjugalidade. O objetivo deste estudo foi compreender como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos inicias do casamento. Mais especificamente, objetivou identificar como jovens casais descrevem seu relacionamento conjugal; como se caracterizam as famílias de origem de cada um dos cônjuges; quais experiências vivenciadas na família de origem são consideradas relevantes pelo casal para a construção do seu relacionamento e como o casal integra as experiências trazidas de cada família. Para atingir os objetivos propostos, foi realizado um estudo de casos com três jovens casais, em primeira união, com no máximo dois anos de relacionamento estável. Os achados revelaram que o relacionamento com a família de origem é bastante significativo para a vivência do jovem casal, sendo os primeiros anos de casamento uma etapa crucial no desenvolvimento da identidade conjugal, a partir do processo de separação-individuação com relação às famílias de origem. O estudo possibilitou compreender a importância da família de origem na formação da conjugalidade, na perspectiva dos casais, evidenciando dificuldades no processo de separação-individuação e sofrimento psíquico de alguns membros da família em relação ao distanciamento promovido pelo casamento. A presente dissertação está constituída por dois artigos, um deles teórico, sobre a transgeracionalidade nas relações familiares, com base nas abordagens psicanalítica e sistêmica, e outro empírico, relatando o resultado do estudo realizado com três jovens casais sobre a formação da conjugalidade a partir das experiências nas famílias de origem.

Palavras-chave: Família de origem; Conjugalidade; Casamento; Transgeracionalidade.

Abstract

Experiences in family of origin impact the trajectory of the subject in various aspects of your future life, including the formation of marriage. The aim of this study was to understand how experiences in the family of origin are reflected in the experience of marital initial years of marriage. More specifically, it aimed to identify how young couples described their marital relationship, how to characterize the families of origin of each spouse, which experiences in the family of origin are considered relevant by the couple to build their relationship and how the couple integrates experiences brought each family. To achieve the proposed objectives, a study of cases with three young couples at first marriage, with a maximum of two years of steady relationship. Findings revealed that the relationship with the family of origin is significant to the experience of the young couple, and the first years of marriage a crucial step in the development of marital identity, from the separationindividuation process in relation to families of origin. The study enabled us to understand the importance of family of origin in the formation of a marital status of couples in perspective, highlighting difficulties in the process of separation-individuation and psychological distress among some family members in relation to the distance promoted by marriage. This dissertation is composed of two articles, one theoretical, transgenerationality about family relationships, based on psychoanalytic and systemic approaches, and other empirical, reporting the results of the study of three young couples on the formation of conjugal from experiences in families of origin.

Key-words: Family of origin; Couplehood; Marriage; Transgenerationality.

Apresentação

A conjugalidade é um tema que, na contemporaneidade, vem despertando interesse, pois se apresentam novas perspectivas no processo de construção dos laços conjugais. Analisando os índices de separação conjugal, constata-se o elevado número de casais que se divorciam ainda no início da união, evidenciando a transição do "até que a morte nos separe" para o "infinito enquanto dure" (Zordan, 2008). Dados do IBGE (2008) demonstram que os casamentos apresentam-se com uma durabilidade cada vez mais curta. No Rio Grande do Sul, no ano de 2008, foram concedidas 6.069 separações judiciais em 1ª instância e 6.575 divórcios em 1ª instância. Considerando o tempo transcorrido entre a data do casamento e a escritura da separação, verifica-se que 49,7% do total das separações ocorreram até o sétimo ano de casamento. O que motiva separações em etapa tão precoce dos relacionamentos?

Diferentes teóricos indicam que os conflitos conjugais, especialmente os que ocorrem no início do casamento, são decorrentes de dificuldades experimentadas no processo de separação-individuação, por parte de um ou de ambos os cônjuges, em relação as suas famílias de origem. Assim, devido a conflitos de lealdade com o núcleo familiar original, a pessoa não consegue afrouxar os laços familiares, para que consiga ligar-se ao parceiro e formar a base de uma nova família (Costa, 2000, Groisman, 2000, McGoldrick, 2007).

Ao contrário do que muitos pensam, a formação da conjugalidade é um dos processos mais difíceis do ciclo evolutivo vital. Quando um casal se une, unem-se também sistemas familiares diferentes. Dessa forma, o casal precisa negociar as questões oriundas da família de origem, adaptar-se a novos papéis e estruturar seu núcleo familiar. Esse processo pode ser

uma oportunidade de tecer outras histórias, mas também traz riscos, pois, nem sempre é possível ao casal, com crenças e valores diferentes, realizarem negociações.

Partindo desta perspectiva, o presente estudo pretende compreender a construção do relacionamento de jovens casais, a partir das experiências que vivenciaram nas suas famílias de origem. Através da articulação teórica entre os referenciais psicanalítico e sistêmico, busca-se uma compreensão aprofundada sobre os processos psíquicos, inerentes a escolha do cônjuge e construção do vínculo conjugal, e a dinâmica de funcionamento do casal e da família de origem de cada um dos cônjuges. Os processos transgeracionais constituem-se numa temática que favorece a aproximação teórica entre a psicanálise e a abordagem sistêmica, uma vez que ambas reconhecem e valorizam as experiências vivenciadas com os pais na infância como constitutivas dos modelos de relacionamento que as pessoas levam para suas vidas na adultez.

A dissertação está constituída, conforme o novo regulamento do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Unisinos, por dois artigos científicos. A Secção I é composta por um artigo teórico, que propõe uma reflexão sobre o conceito da transgeracionalidade nas relações familiares. A Seção II é constituída pelo artigo empírico "Experiências na família de origem e conjugalidade nos anos iniciais do casamento", que apresenta os resultados do estudo de casos investigados na pesquisa realizada. Por fim, são apresentadas as considerações finais da dissertação, as referências bibliográficas consultadas e os anexos.

Seção I - Artigo Teórico

Qual o peso da sua bagagem? A herança transgeracional na constituição psíquica do sujeito

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o fenômeno da transmissão psíquica geracional, a partir de uma articulação teórica entre as abordagens da psicanálise e da sistêmica. Além disso, pretende-se questionar sobre as possíveis implicações do fenômeno da transgeracionalidade na prática clínica em Psicologia. As abordagens psicanalítica e sistêmica forneceram material clínico para as reflexões aqui contidas, tendo em vista que esse tema vem sendo amplamente discutido, resultando em um novo olhar para a compreensão clínica. Os conceitos fundamentais da psicanálise sustentam a idéia do sujeito como constituído psiquicamente a partir de conteúdos herdados de gerações que a antecederam. Pois é através da inserção no grupo social e familiar que o sujeito forma sua subjetividade, tendo em vista as heranças psíquicas oriundas da família de origem. A transmissão exige um trabalho psíquico constante de elaboração do material transmitido, sendo que, quando se observa falhas de simbolização, pode emergir a compulsão à repetição. A perspectiva sistêmica contribui para o estudo do tema abordado, pois enfatiza que o comportamento atual da família não pode ser compreendido sem investigar e compreender sua história. Para tanto, torna-se necessário aprofundar as reflexões acerca de diferentes conceitos sobre o tema, o que e como se transmite psiquicamente, o não-dito e, especialmente, a importância desse fenômeno para a clínica psicológica.

Palavras-chave: Transgeracioalidade, transmissão psíquica geracional, psicanálise, sistêmica, herança psíquica.

What is the weight of your luggage?

The transgenerational inheritance in psychical constitution

Abstract

The present work aims to reflect on the phenomenon of generational psychic transmission, from a theoretical link between the approaches of psychoanalysis and systemic. In addition, we intend to inquire about the possible implications of the phenomenon of transgenerationality in clinical psychology. The systemic and psychoanalytic methods provided clinical material for reflections contained herein in order that this subject has been widely debated, resulting in a new look to the clinical understanding. The fundamental concepts of psychoanalysis support the idea of the subject as constituted psychically content inherited from the generations that preceded it. For it is through interaction in social groups and family that the subject forms his subjectivity, in view of the psychological legacies arising from family of origin. The transmission requires a constant psychic work of preparing the material transmitted, and, when one observes the absence of symbolization can reveal the repetition compulsion. The systemic perspective contributes to the study of the subject, since it emphasizes that the current behavior of the family can not be understood without investigating and understanding its history. To this end, it becomes necessary to further reflections about the different concepts on the subject, which is transmitted and how psychically the unsaid, and especially the importance of this phenomenon to the psychological clinic.

Key-words: Transgenerationality, generational psychic transmission, psychoanalysis, systemic, psychic inheritance.

Introdução

A transmissão psíquica geracional é um tema que vem sendo amplamente estudado em Psicologia, pois as mais variadas abordagens teóricas consideram que as experiências vivenciadas na família de origem e no contexto em que se nasce e vive são essenciais para a constituição psíquica do sujeito. A noção de transmissão psíquica já estava presente nas teorias psicológicas desde 1912/1913, descrita nas obras de Freud. A partir daí, muitos outros autores dedicaram-se ao estudo dos conteúdos que são transmitidos transgeracionalmente entre as gerações. Pesquisas têm evidenciado o potencial de transmissão transgeracional relacionado a diferentes aspectos da vida humana, tais como satisfação conjugal, violência familiar, estresse e depressão.

Através dos estudos sobre transmissão psíquica transgeracional e qualidade conjugal, Sonjaperren, Agnesvonwyl, Rgin, Simoni e Vonklitzing (2005) afirmam que a qualidade conjugal no seio da família de origem está associada à qualidade dos casamentos da próxima geração. Os autores realizaram uma pesquisa longitudinal na Universidade de Basel, na Suíça, com sessenta e dois casais, e concluíram que esposas que traziam lembranças positivas de suas famílias de origem, não relataram níveis altos de conflito em seu casamento. Além disso, elas foram avaliadas como tendo maior capacidade de diálogo do que aquelas com lembranças negativas da família de origem. Da mesma forma, os maridos com lembranças positivas da família origem relataram maior satisfação conjugal e melhor comunicação. As mudanças negativas ocorreram em casais em que ambos os parceiros tinham lembranças negativas do casamento de seus pais. Dessa forma, os autores conceituaram a transmissão transgeracional como um processo, através do qual, proposital ou inconscientemente, uma geração anterior afeta psicologicamente o comportamento e as atitudes da próxima geração.

As experiências de estresse vivenciadas durante a infância, também foram objeto de um estudo longitudinal norte-americano, com 1.059 indivíduos casados, tendo como finalidade investigar os efeitos desse estresse na qualidade conjugal na vida adulta. Os dados obtidos sugerem que o estresse na família de origem influencia significativamente na vida adulta diminuindo a qualidade conjugal (Umberson, Williams, Powers, Liu & Needham, 2005). Outro estudo americano realizado através de uma pesquisa longitudinal com 49 casais, sobre a relação entre estresse e funcionamento da família de origem, aponta que o impacto do estresse vivenciado tem associação com o declínio do funcionamento conjugal durante os cinco anos iniciais do casamento (Klever, 2005).

Autores como Black, Sussman e Unger (2010), da Universidade do Sul da Califórnia e da Universidade de Saúde e Comunidade Global na Califórnia, consideraram relevante o estudo da transmissão trangeracional, enfatizando a questão da violência, pois examinaram a agressão utilizada por crianças que lançam luz da violência como um comportamento social aprendido e vivenciado em seu meio. À esse respeito, ilustram a ligação entre uma história onde testemunham a violência interparental e essa violência é promulgada em gerações posteriores, através de processos de aprendizagem social.

A hipótese da transmissão psíquica geracional da violência pôde ser comprovada através de uma revisão crítica sobre a previsibilidade de adolescentes que experienciaram violência entre seus pais, de desenvolver os mesmos mecanismos nas relações amorosas na idade adulta. Pesquisadores americanos (Olsen, Parra, e Bennett, 2010) postularam que crianças que são vítimas de abuso físico por parte dos pais, ou que testemunham a violência entre eles, possuem maior risco de tornarem-se fisicamente abusivas em seus relacionamentos na adultez. Corroborando com tais dados, Kerley *et. al.* (2009) realizaram um estudo, no qual investigaram a transmissão transgeracional em uma amostra de 816 mulheres casadas em Banguecoque, na Tailândia, para determinar como a exposição das crianças à violência na

família de origem está relacionada com a vitimização na idade adulta. Os resultados mostram, em longo prazo, que há realmente efeito significativo da exposição das crianças à violência familiar sobre a probabilidade de a mulher tailandesa tornar-se vítima da violência física e psicológica por parte do parceiro.

A depressão também constitui-se em outro tema associado à transmissão transgeracional. Os pesquisadores Garber e Cole (2010), da Universidade de Vanderbilt, em Nashville, nos Estados Unidos, investigaram os fatores de risco durante o desenvolvimento de crianças expostas à depressão materna e buscando verificar se houve aumento de sintomas depressivos nas crianças ao longo do tempo. Participaram 240 mães e suas crianças (média de idade=11,87 anos, DP=0,57) que foram avaliados anualmente durante seis anos. A entrevista clínica estruturada para o diagnóstico do DSM foi utilizada para avaliar a história psiquiátrica das mães, sendo que 185 mães tinham algum transtorno de humor e 55 mães estavam livres de diagnósticos psiquiátricos. As análises revelaram que a história da depressão materna predisse significativamente as trajetórias de crescimento de sintomas depressivos nos filhos considerando os seis anos de estudo. Esses resultados foram consistentes com a hipótese da transmissão transgeracional da depressão materna e lançam luz sobre um conjunto de fatores de risco, que, por sua vez, prevêem o desenvolvimento de sintomas depressivos dos filhos durante a adolescência

Os resultados desses estudos descritos revelam a relevância em estudar o fenômeno da transgeracionalidade. Nesse sentido, este artigo objetiva fazer uma breve revisão e discussão teórica sobre o conceito de transgeracionalidade a partir das abordagens psicanalítica e sistêmica, bem como refletir sobre a importância da compreensão do fenômeno na prática clínica em Psicologia. Conceitos destacados por autores das duas abordagens citadas têm fornecido bases teóricas para o estudo do fenômeno da transgeracionalidade, destacando a importância dessa questão na compreensão do desenvolvimento do psiquismo.

A perspectiva psicanalítica da transmissão transgeracional

A psicanálise, desde seus primórdios, tem examinado a herança dos conteúdos inconscientes. Freud (1912) já dizia que o significado da existência do sujeito provém dos objetos primários transmitidos aos filhos juntamente com valores sociais e culturais. Em seu texto *Totem e tabu* (1912), Freud assinala as mais primitivas configurações de transmissão da vida psíquica, como a transmissão do tabu e da culpa, através da autoridade patriarcal e social, onde cita:

"nenhuma geração pode ocultar, à geração a que sucede, nada de seus processos mentais mais importantes, pois a psicanálise nos mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um apparatus que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos. Uma tal compreensão inconsciente de todos os costumes, cerimônias e dogmas que restaram de relação original com o pai pode ter possibilitado às gerações posteriores receberem sua herança de emoção" (Freud, 1912-1913, p. 188).

Nessa citação, Freud faz referência à forma como os conteúdos vão sendo transmitidos inconscientemente de uma geração para outra, pela forma como se interpreta as reações dos demais. Aprofundando a compreensão sobre a transgeracionalidade, em *Introdução ao Narcisismo*, Freud (1914) aponta uma continuidade na vida psíquica entre gerações, onde os sonhos e desejos não realizados pelos pais são transmitidos ao bebê. Para tanto, o sujeito deve, em seu processo de subjetivação, assumir seu lugar e apropriar-se de seus próprios desejos, em relação aos desejos de seus predecessores (Correa, 2003).

A obra *Introdução ao Narcisismo*, de Freud, é considerada fundamental, segundo Vianna (2006), por assinalar que a transmissão se organiza a partir do negativo, a partir do que falta e falha. Como o narcisismo do bebê, que aponta para o que falta à realização dos sonhos e desejos dos pais, surgem marcas ou sintomas, que ligam uma geração à outra e nada

do que tenha sido retido pode permanecer completamente inacessível à geração seguinte. Nessas situações, os conteúdos psíquicos dos pais e avós, ou até de antepassados que o sujeito pode não ter conhecido, mas que marcaram de forma traumática seus pais, estarão influenciando o funcionamento psíquico dos filhos (Gomes e Zanetti, 2009).

Para tanto, cabe ressaltar que o processo de transmissão psíquica geracional implica em realizar constantemente um trabalho psíquico inconsciente, de elaboração e transformação do material transmitido. A transmissão é considerada obrigatória para o decurso das gerações, mas a urgência, nem sempre é de realizar a transmissão, mas de interrompê-la. Transmitem-se conteúdos psíquicos constituídos pelas diversas modalidades identificatórias, assim como os fantasmas que organizam a representação interna dos vínculos. E, sobretudo, se transmite o sentido das situações, que pode ser o negativo, o que fica incompreensível, como os objetos perdidos, recalcados ou não elaborados pelo sujeito, ocasionando falhas no processo de simbolização (Correa, 2003). Assim, quando o que é transmitido não é elaborado, estamos falando da compulsão à repetição.

Na compulsão a repetição, descrita por Freud (1914), a pessoa é impulsionada em uma direção contra o seu desejo, o que vai caracterizar o conflito. O sujeito é dominado pelo excesso pulsional, devido ao fato do aparelho psíquico não elaborar/assimilar o conteúdo transmitido. Assim, o sujeito repete, indefinida e compulsivamente, pois a experiência vai manter-se como incompreensível e não integrada pelo sujeito, impedida de simbolizar-se e assim, irá se instalar em algum membro, em alguma geração, onde o conteúdo não lembrado, desligado, pode atravessar as gerações em sua potencialidade traumática. As questões não simbolizadas, representadas em uma geração, habitam na família como um presente, porém, ausente. Presente como perturbação, ausente como representação, ocasionando, assim, a fragilidade do símbolo na transmissão transgeracional (Piva, 2009).

Gradativamente, a psicanálise foi detendo seus estudos para além do aparelho psíquico individual, dando ênfase aos grupos. Assim, a discussão sobre heranças e transmissões psíquicas acabou despertando interesse entre os psicanalistas, pois o sintoma individual começou a ser visto como uma expressão de uma patologia do grupo e, para sua compreensão, a história familiar e as heranças geracionais passaram a ser analisadas sob o âmbito familiar, ampliando o potencial de atuação na psicanálise (Paiva, 2009).

Deste modo, pode-se dizer que a família é formada no decorrer do tempo, através dos conteúdos transmitidos de geração em geração. Porém, a transmissão não acontece apenas pela bagagem genética, mas, também, por toda uma bagagem afetiva, social e cultural. Nesse processo de formação, alguns comportamentos e desejos são reforçados e atendidos, outros são impedidos por desonra, temor ou dor. Os padrões familiares que foram construídos pela geração anterior, são disponíveis às próximas gerações, que tendem a seguir o nível e os modelos de organização do qual participam, desde o nascimento. Os conteúdos não resolvidos pela geração passada podem causar um bloqueio no desenvolvimento dos membros da família, fazendo com que a geração seguinte tenha que se organizar de modo semelhante, num visível acomodamento ou procurando melhores saídas (Anton, 1998).

No que diz respeito ao ajustamento familiar, Almeida (2010) afirma que o cruzamento das heranças psíquicas paterna e materna determinará os padrões que conduzem o funcionamento de seus membros. Nessa transmissão, cruzam-se a identificação, a contraidentificação, as experiências traumáticas paternas e maternas, a delegação de posições, as representações e os afetos que determinarão o funcionamento emocional da família.

Dessa forma, a temática da transmissão transgeracional possibilita a compreensão do sujeito como herdeiro de múltiplas experiências remotas, que, ao mesmo tempo em que contribuem para enriquecê-lo, podem aprisionar o sujeito em uma história que não é sua (Piva, 2009). Mas será que se pode considerar que essa história não é sua? Que história seria a

dele, se não considerarmos os acontecimentos vivenciados pela sua família de origem e no contexto em que ele se insere? O processo da transmissão é parte formadora da subjetividade e é fundamental para a constituição psíquica, tanto para o indivíduo, quanto para o grupo, através de um trabalho psíquico de elaboração, de ligação, na medida em que uma geração consegue transformar aquilo que recebe, apropriando-se do herdado, desde sua própria vivência e perspectiva. Este processo possibilita que cada geração possa estabelecer-se em relação às outras, capaz de tornar cada sujeito como pertencente a um grupo, possuidor de uma história e de um lugar (Piva, 2009).

A partir da visão de que o sujeito necessita da presença de um outro para constituir-se e que a herança é o que produz o processo de subjetivação, Grendene (2003), citando Granjon (2001), afirma que a herança geracional, se faz presente na vida psíquica familiar e individual, desde o nascimento. A transmissão atribuída ao sujeito, desde o momento originário, faz da criança o elo de uma cadeia geracional e a destina a um lugar que lhe é oferecido pelo grupo que a acolhe. Tornando-a herdeira daquilo que se teceu e daquilo que se calou de seus pais, a criança que se beneficia do investimento narcísico desses, assegura a continuidade do conjunto e adquire sua própria subjetividade. É esse processo que permitirá a constituição psíquica enquanto sujeito do inconsciente e do grupo.

Pensar em como se dá a constituição psíquica do sujeito requer uma análise dos conteúdos transmitidos, tanto via grupo social ao qual ele pertence, como via transmissão psíquica do grupo familiar. Pois é através da inserção ao grupo social e familiar que o sujeito forma sua subjetividade, tendo em vista as heranças psíquicas oriundas da família de origem, marcantes na vida do sujeito, uma vez que se apropriar do legado transmitido é um desafio para o sujeito psíquico (Paiva, 2009).

Ilustrando tal idéia, Grendene (2003) explica que a constituição do aparelho psíquico do sujeito passa por influências de outros aparelhos psíquicos que podem ser dos pais, avós ou

outras pessoas que fizeram parte da sua experiência. E é por meio dessas influências do grupo familiar que o sujeito se constitui psiquicamente, é o elo da cadeia geracional, herdeiro do que lhe é transmitido e ocupa um lugar, com funções a cumprir e um mandato a assumir. Assim, a compreensão do sujeito psíquico, só se dá por meio dessa inserção ao meio social e não como um ser individual. A autora descreve uma definição de Correa (2001), na qual considera o ser humano como portador de uma herança genealógica que é instituidora da sua subjetividade, a qual é acionada em nível inconsciente e no ambiente familiar, no qual se articulam diversos mecanismos de identificação, lugar de circulação dos conteúdos psíquicos.

Dentro destas perspectivas, é importante citar Kaës (2000), ao descrever, em seus estudos sobre transmissão psíquica transgeracional, que há uma "urgência", obrigação em transmitir, relativa à continuidade evolutiva de uma geração a outra. Isso é o que permite a cada geração não partir novamente do zero, e a cada um chegar à vida, tomando lugar com uma herança depois de um e depois de muitos outros; o que implica a noção de progresso. Uma geração não pode existir sem aquela que a precede e deve criar outra para perpetuar a vida para além de seu desaparecimento. Pois há, antes de tudo, a vida a ser transmitida, constituindo a urgência imperiosa desse trabalho e o que não pode ser alojado em um sujeito ou em um grupo é "confiado" a outro ou a outros, ou seja, transmitido.

Partindo da idéia de Kaës de que uma geração não pode existir sem outra que a precede, ressaltamos aqui a questão do determinismo psíquico descrito por Freud (1915), segundo o qual, cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam. Assim, os eventos em nossas vidas mentais, que podem parecer desconexos ou não relacionados com os que o antecederam, o são, segundo ele, apenas na aparência. Considerando essa conexão esperada e a concepção definitiva da palavra determinismo, será que podemos pensar que estaríamos condenados a seguir sempre os mesmos padrões das experiências vivenciadas na família de origem? Na concepção psicanalítica, segundo Chaterlard (2007), resta ao sujeito,

diante do determinismo psíquico, remanejar e adequar essa determinação em vista da sua existência e, sobretudo, de suas escolhas subjetivas, tornando evidente seus atos e suas consequências.

Com a idéia de aprofundar os estudos sobre transmissão psíquica entre as gerações, Kaës (1998) faz uma reflexão sobre o que é que se transmite, o que o sujeito se submete a receber como benefício ou como algo que o arruína, do qual pode ou não constituir-se como herdeiro. Nesse contexto, diz que o que se transmite é aquilo que garante a continuidade narcisista, a manutenção dos vínculos e conserva as formas e os processos que regem a complexidade da vida do sujeito como ideais, mecanismos de defesa, as identificações, certezas, dúvidas. Por outro lado, se transmite o conteúdo retido, o não lembrado, ou seja, a vergonha, a perda, a doença, o negativo, como dito anteriormente.

Reafirmado os conceitos descritos acima do enfoque psicanalítico sobre transmissão psíquica geracional, utilizamos uma definição de Almeida (2008) segundo o qual, o diferencial psicanalítico encontra-se na questão edípico-relacional, através da transmissão de conteúdos psíquicos da família de origem, pela interconexão inconsciente das gerações anteriores e posteriores. Fazem parte dos conteúdos que circulam na família, determinados mitos, segredos, representação, pulsões e processos identificatórios carregados de sofrimento e traumas que são transmitidos de geração em geração (Almeida, 2008).

Retomando as idéias de Freud (1912-1913), e concluindo as bases teóricas da psicanálise, assegura-se a importância da transmissão psíquica na vida do sujeito, pois é por meio da transmissão psíquica que o sujeito se identifica como pertencente ao grupo, enquanto membro de uma rede social. Enfatizando o fato de que uma geração não consegue ocultar das gerações seguintes seus processos mentais (Paiva, 2009). A partir do referencial psicanalítico, verifica-se que cada um de nós é portador de uma história, de um passado, que até pensamos que não nos diz respeito. Mas que ficaram marcas, as quais determinam nosso funcionamento

enquanto sujeito individual, ou sujeito do grupo. Esse referencial sustenta a noção de que o inconsciente do sujeito carrega marcas de outros inconscientes e de mais outro que, na maioria das vezes, a origem é desconhecida. O material transmitido constitui-se das representações parentais, e também da ausência dessas representações, como os conteúdos implícitos, incompreendidos, esquecidos e principalmente os não ditos que impossibilitam o sujeito de elaborar e simbolizar, de forma a metabolizar e transformar os conteúdos, capaz de compor a sua própria história e assim, evitar a permanência da repetição de algo que desconhece.

Nesse contexto, os estudos sobre transmissão psíquica geracional contribuem para a compreensão da subjetividade do sujeito, inserido no grupo familiar e social, o que possibilita a aproximação dos postulados psicanalíticos e sistêmicas. Partindo dessa articulação, conforme Magalhães e Féres-Carneiro (2004) e Magalhães e Féres-Carneiro (2009), o mundo interno é formado por introjeções e projeções de elementos externos e pelas vivências do sujeito, que contêm traços maternos e paternos. O mundo interno é elemento central do processo de subjetivação, o qual acontece pelo investimento narcísico e em uma trama identificatória, que fazem parte dos conteúdos transmitidos e transmutados nas múltiplas interpenetrações subjetivas do grupo familiar.

Conforme as autoras descrevem:

"a herança é mais do que um fardo, ela é matéria nobre e promotora do processo de subjetivação. O sujeito é precedido por outros e só surge por força de um ato de inscrição no grupo familiar e no social, de modo mais amplo. É o grupo que investe e reveste o sujeito de cuidados, protegendo-o, respondendo às necessidades que a imaturidade humana incapacita-o de satisfazer, apresentando o mundo externo e povoando o mundo interno, interditando e lançando o sujeito em seu percurso subjetivante" (Magalhães e Féres-Carneiro, 2009, p. 29).

Nessa citação, as autoras completam a idéia de que a família é formada através desse legado coletivo e deve transformá-lo, considerando sua herança psíquica geracional, através

da qual cada membro deve criar sua marca, mesmo que já tenha recebido outros registros (Magalhães e Féres-Carneiro, 2009), o que abre as portas para a compreensão sistêmica do fenômeno transgeracional.

A perspectiva sistêmica da transmissão transgeracional

Os teóricos com orientação sistêmica enfatizam que o comportamento atual da família ou de um membro do grupo familiar não pode ser entendido sem considerar sua história. Eles vêem a investigação histórica como uma maneira de buscar fatos e transições essenciais do desenvolvimento familiar, a fim de compreender as mudanças do ciclo evolutivo vital e o funcionamento do sistema familiar, em decorrência aos estressores passados. Este não é um modelo de causa e efeito, mas entende-se que a busca histórica pode auxiliar a compreender o atual modelo de organização familiar e a forma de lidar com a situação em que o sujeito está passando para adaptar-se a ela (Musachio & Daudt, 2003).

Essa interação entre os membros de um sistema familiar manifesta-se pela complexidade de múltiplos determinantes e vários fatores interagindo em circularidade, de modo que a relação entre quaisquer de seus elementos é vista por vários ângulos. Enquanto o pensamento linear postulava a causalidade como implicação lógica, o pensamento sistêmico resultou em uma bidirecionalidade; ou seja, na causalidade circular. Os eventos psíquicos são analisados pela perspectiva da circularidade, interligando os acontecimentos, fazendo referências e prevendo futuros resultados (Grandesso, 2000). No entanto, pode-se questionar: como é possível se pensar na ligação entre passado e futuro pela perspectiva circular?

É fácil pensar que as relações entre os membros do sistema familiar influenciam, significativamente, os comportamentos, as crenças e os sentimentos de cada membro. Seguindo o princípio da circularidade, esses comportamentos, crenças e sentimentos influenciam, por sua vez, as relações entre os diferentes membros. Sendo assim, os

comportamentos dos membros da família são mais bem compreendidos a partir de uma visão de causalidade circular do que linear. No entanto, quando se insere a perspectiva de passado e futuro, fica difícil pensar que eventos futuros possam influenciar em eventos passados. Nesse caso, a circularidade precisa ser compreendida a partir de uma nova lógica. O que a abordagem sistêmica questiona é a idéia de determinismo, de influência linear direta. Desse modo, considera que para que os eventos passados continuem a ser norteadores da dinâmica familiar no presente e no futuro, precisam existir demandas atuais, ou seja, abre-se a possibilidade de que, a partir do conhecimento da história passada, se possa construir um novo futuro (Falcke, 2003).

É importante considerar também a percepção de cada membro quanto ao funcionamento da família, pois é ela que influenciará os comportamentos de cada um e a organização do sistema familiar. A saúde familiar depende dessas percepções e deste funcionamento (Galera & Luis, 2002).

Seguindo esta linha de raciocínio, Musachio e Daudt (2003) afirmam que a perspectiva sistêmica busca a compreensão do sujeito a partir de sua história, o que envolve mais do que compreender como uma família organizou-se em função das vivências passadas, mas também investigar a evolução familiar ao longo do tempo. Enfatiza que a herança familiar tem papel significativo para o sujeito, o qual irá se constituir a partir do que experienciou em seu meio familiar e social. Desde o nascimento da criança, os pais ou avós indicarão a direção e o lugar à qual ela irá seguir. A esse processo as autoras denominam de "eixo genealógico", pois o repasse da herança familiar continua a organizar os destinos dos membros familiares.

Nesse sentido, Groisman (2000) ressalta que, quando nascemos, entramos numa história familiar que já está sendo escrita há várias gerações, à qual, com a família de onde viemos, vamos acrescentar alguns capítulos, tanto na história familiar do pai quanto da mãe.

São os hábitos, os mitos, os costumes, a cultura e a história familiar que vão sendo transmitidos pelos pais, que receberam dos seus pais e assim sucessivamente. Crescemos então numa rede invisível, sem percebermos a importância dos nosso antepassados, que às vezes não conhecemos, mas que ressurgem em nós. Desse modo, o autor considera que as relações que estabelecemos com a família na qual nascemos são as mais importantes de nossa vida e vão determinar a base de nosso comportamento futuro.

O termo transgeracionalidade é descrito por Falcke e Wagner (2005) como a representação dos processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar. Nessa definição, ressaltam a idéia de repetição, re-edição e reprise de determinados processos familiares, com diferentes nuances, através das gerações. Corroborando com essa idéia, Groisman (2000) define que todos nós fazemos parte de um sistema onde cada um desempenha o seu papel, influenciando e sendo influenciado pelo outro no tempo presente e recebendo, ao mesmo tempo, a carga da história familiar do passado. Ilustrando tal idéia, o autor assinala que:

"A família evolui através do tempo num movimento de vaivém, como a roda de um moinho, que circula no presente, mergulha no passado e se projeta para o futuro. Há uma interligação constante entre os tempos, em que o passado se reflete no presente onde está sendo preparado o futuro" (Groisman, 2000, p. 40).

Assim, desde o nascimento, a pessoa é portadora de uma história que a precede, da qual é herdeira ou até mesmo pode ser considerada, de alguma forma, prisioneira. Uma préhistória, que já existia no imaginário e na vivência das famílias de origem. Para tanto, os encontros, as escolhas, os relacionamentos da pessoa não se dão por mero acaso, mas a partir de modelos herdados (Barboza, 2009).

Nesse contexto, Carter e McGoldrick (1995) têm uma importante contribuição a trazer, ao ressaltar que o ciclo de vida familiar atual é caracterizado pela passagem das diversas etapas do ciclo de vida e a forma de lidar com as crises não vão depender apenas dos

recursos da família nuclear, mas também dos legados familiares de outras gerações, da forma como as gerações anteriores resolveram essas mesmas crises. Assim, a família nuclear organiza seu funcionamento como um subsistema emocional de acordo com os relacionamentos passados e o modelo mítico que transcorre entre as gerações.

Frente a essas considerações, Marra (2008) assinala que, mesmo antes do nascimento da criança, a família já é a matriz da sua identidade e terá importante papel no desempenho de suas funções e atribuições nos relacionamentos futuros. Conseqüentemente, observa-se a família como um sistema relacional, no qual são transmitidas as necessidades individuais e as exigências sociais, um sistema que funciona interligado numa teia relacional, em constante transformação.

As experiências vivenciadas na família de origem são integrantes do processo transgeracional, sendo por motivações conscientes ou inconscientes, pela assimilação dos modelos parentais ou pela repetição dos comportamentos aprendidos. A observação que as pessoas fazem do relacionamento de seus pais passa a ser considerada o modelo de vínculo que elas tomam como base em seus relacionamentos (Zordan, Falcke & Wagner 2005, Wagner & Falcke, 2001).

A esse respeito, retoma-se Barboza (2009), ao destacar que a família deve ser vista como um grupo que funciona como uma totalidade e não apenas como sujeitos com comportamentos particulares e individuais, pois o comportamento de cada membro afeta e é afetado pelo comportamento dos outros. Sendo que esses comportamentos não são apenas repetições dos modelos parentais, pois o sistema familiar abrange gerações passadas que deram início a transmissão dos padrões interacionais, podendo passar diretamente de uma geração à outra ou em gerações alternadas.

Reafirmando as principais idéias mencionadas da abordagem sistêmica sobre o tema abordado, Bucher-Maluschke (2008) define que o transgeracional é tudo o que se organiza

entre as gerações e que as transmite no sentido mais elaborado, por exemplo, mitos, segredos e ritos. Mesmo que os conteúdos sejam ditos, não-ditos ou realizados, através das gerações, podem ser repetidos entre elas. Mais especificamente, o estudo da transgeracionalidade tornase relevante uma vez que possibilita a transmissão dos desejos através das gerações, com a atribuição inconsciente, de mandados e funções a serem realizadas por algum membro da família (Musachio & Daudt, 2003).

Através dessa perspectiva, observa-se que ninguém cria a sua própria história a parte de suas origens. Todo ser humano faz parte de um grupo familiar que já compõe uma história, com padrões familiares que influenciam no processo de definição do indivíduo. Responsáveis pela construção da sua identidade que desde o nascimento determinam o desempenho de papéis e funções nos relacionamentos futuros.

Transgeracionalidade na prática clínica em psicologia

Conforme descrito nesse estudo, os conteúdos psíquicos transmitidos, que não puderam ser ditos e elaborados por uma geração, ressurgem nas demais sob a forma de elementos brutos, incompreendidos, da ordem do negativo (Paiva, 2009). Na clínica, defrontamo-nos freqüentemente com essa transmissão de traumas, manifestando sofrimento dos sujeitos aprisionados em sua incapacidade de metabolizar seus legados. A difusão desses traumas e da adaptação do grupo familiar atingido por ele se dá por duas formas: pelo modo circular, onde a incidência do trauma atua sobre os vários membros da família; e pela sua convergência sobre um membro da família que recebe conteúdos traumáticos de ambos os ramos dela. Porém, essas duas tendências de transmissão do trauma não constituem categorias separadas (Almeida, 2008).

Sendo assim, a tarefa como terapeutas é reconstituir a possibilidade de simbolização da transmissão e proporcionar a elaboração da herança recebida (Gomes e Zanetti, 2009). O

indivíduo saudável responde às exigências da vida detendo as repetições e os conteúdos nãoditos de maneira espontânea, apresentando respostas adequadas e criativas com base em sua história. Mas para isso, o sujeito precisa assumir seu destino como criador e então modificar seus próprios inventos (Marra, 2008). Para auxiliar nesse processo, o terapeuta deve investigar a história do sujeito e as questões envolvidas na constituição de seu aparelho psíquico, a fim de compreender o funcionamento psíquico grupal que constituirá a subjetividade do sujeito (Grendene, 2003). Através da experiência clínica, observa-se que as histórias e os segredos que, aparentemente, não pertencem ao sujeito são marcantes em seu psiquismo. Por esse motivo, torna-se necessário ir além da investigação das experiências individuais e investigar eventos anteriores que podem ter sido marcantes pelas gerações passadas (Barboza, 2009).

Nesse sentido, Almeida (2008) traz uma afirmação de Freud (1909), a qual diz que crescer é um processo fundamental do eu, que se forma na família que é a matriz intersubjetiva constituinte da vida psíquica. Processo este necessário e doloroso, que exige a libertação do sujeito da autoridade de seus pais, assumindo seu papel e funções no tempo. Os pais representam a única figura de autoridade, poder e fonte de conhecimento para os filhos que desejam igualar-se ao progenitor do mesmo sexo e crescer como o pai ou a mãe. No entanto, o indivíduo saudável elabora o material psíquico transmitido de maneira produtiva e criativa, reconhecendo sua história, valores e experiências vividas ao invés de permanecer repetindo sintomaticamente.

Frente a esses referencias, verifica-se a relevância das implicações do fenômeno da transgeracionalidade na prática clínica em psicologia, a fim de reconstruir o percurso simbólico da transmissão, amenizando a repetição do sintoma. Por meio da reconstrução dos modelos transgeracionais, é possível acessar padrões de comportamentos antigos que ressurgem nas gerações atuais, afetando o funcionamento psíquico do grupo familiar e de seus membros.

Considerações finais

Através das bases teóricas abordadas nesse estudo, verifica-se que o processo transgeracional é tão intenso entre as famílias que, segundo Almeida (2008), a cultura familiar, com seu dispositivo de representações, afetos, fantasias e relações de objeto, orienta o ser humano em seu modo de ser e de estar no mundo. A partir do contexto histórico, social e familiar onde o indivíduo está inserido é construída a sua subjetividade e a forma como ele irá se desenvolver durante toda a sua vida (Freitas, 2002).

No entanto, as experiências adquiridas na família de origem podem ser modificadas. Através do conhecimento da sua história e da compreensão das marcas e conteúdos repetidos das gerações passadas, o sujeito é capaz de construir sua própria individualidade, assumindo seus papéis, suas funções e seu lugar no tempo: "Ao desvendar a conexão familiar, deixa-se de ter uma obediência cega ao que estava escrito e pode-se modificar aquilo que se chama de destino" (Falcke e Wagner, 2005, p. 44).

A partir das percepções estudas até aqui, surge o desafio de entender como as heranças psíquicas transmitidas entre as gerações se mantém no individuo e no grupo familiar e como se dá a interação dos membros dentro do sistema familiar onde cada um carrega os legados transgeracionais. Para tanto, Magalhães e Féres-Carneiro (2004) explicam que o estudo do processo da transmissão psíquica geracional possibilita a compreensão de como o sujeito metaboliza o que lhe é legado e como essa metabolização age nos processos de subjetivação. Mais especificamente, o estudo da transgeracionalidade torna-se importante para a clínica em psicologia, uma vez que institui a transmissão dos desejos e conteúdos psíquicos através das gerações, com a atribuição inconsciente, de mandados a serem cumpridos por um ou outro membro do grupo familiar (Musachio e Daudt, 2003).

Nesse sentido, considera-se que os estudos das questões transgeracionais são de grande valia para a compreensão do sujeito e da família, assim como a sua contribuição para a

prática clínica, seja para a clínica na perspectiva sistêmica quanto para a clínica psicanalítica (Bucher-Maluschke, 2008). Ressaltando os pressupostos de que não se pode analisar o sujeito apenas pelo sintoma individual, mas sim é necessário investigar a história e experiência das gerações anteriores as quais o sujeito está inserido e que moldaram o seu psiquismo.

Referências Bibliográficas

Almeida, A. E. (2010). *Uma proposta sobre a transgeracionalidade: o absoluto*. Ágora XIII(1), 93-108.

Almeida, M. E. (2008). A força do legado transgeracional numa Família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 215-230.

Almeida, M. E. (2008). Herança transgeracional: a circularidade e a concentração do trauma. Mudanças – Psicologia da Saúde, 16 (1) 51-61.

Anton, I. L. C. (1998). A Escolha do Cônjuge - Um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artes Médicas.

Barboza, S. N. (2009). Fatores de permanência de mulheres no casamento em situação insatisfatória: um estudo compreensivo. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Black, D. S., Sussman, S., e Unger, J. B. (2010). A Further Look at the Intergenerational Transmission of Violence: Witnessing Interparental Violence in Emerging Adulthood. *Journal of Interpersonal Violence*, 25(6), 1022–1042.

Bucher-Maluschke, J.S. (2008). Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. Em Penso, M. A. e Costa, L. F. (Orgs.). *A Transmissão Geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 76-98). São Paulo: Summus.

Chatelard, D. S. (2007). Do determinismo psíquico às escolhas subjetivas. *Rev. Dep. Psicol.*, *UFF*, 19(2), 339-344.

Correa, O. B. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.

Falcke, D. (2003). Águas passadas não movem moinhos? As experiências na família de origem como preditoras da satisfação conjugal. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Falcke, D., & Wagner. A. (2005). A dinâmica familiar da transgeracionalidade; definição de conceitos. Em: Wagner, A. *Como se perpetua a família? A transmissão transgeracional do legado familiar* (pp.25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. Em: A. Wagner (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão transgeracional do legado familiar* (pp.67-79). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Freitas, C. M. (2002). A relação de casal e os novos arranjos. Monografia. *Movimento: Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis*. Recuperado em Agosto 10, 2009 de http://www.sistemica.com.br/docs/Carla%20Freitas.doc.

Freud, S. (1915/1989). O Inconsciente. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XIV) Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/1989). Recordar, repetir, elaborar. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XII) Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1914/1989). Sobre o narcisismo: uma introdução. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XIV) Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1912-1913/1989). Totem e tabu. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. XIII) Rio de Janeiro: Imago.

Galera, S. A. F., & Luis, M. A. V. (2002). Principais conceitos da abordagem sistêmica em cuidados de enfermagem ao indivíduo e sua família. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 36(2):141-7.

Garber, J., & Cole, D. A. (2010). Intergenerational transmission of depression: A launch and grow model of change across adolescence. *Development and Psychopathology* 22, 819–830.

Gomes, I. C e Zanetti, S.A. (2009). Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjetividade: relato de uma psicoterapia psicanalítica vincular. *Psicologia USP*, 20(1), 93-108.

Grandesso, M. (2000). Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grendene, F. (2003). Transgeracionalidade, Perdas e Lugares de Subjetivações.

Trabalho de conclusão do III anos do Curso de Psicoterapia Psicanalítica, novembro de 2003, orientado pelo Dr. Juliano Fontanari.

Groisman, M. (2000). Família é Deus: descubra como a família define quem você é. Rio de Janeiro: Eldorado: Núcleo-Pesquisas.

Kaës, R. (1998). Os Dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração. In: A. Eiguer (Org). *A transmissão do psiquismo entre gerações*. (pp. 5-19). São Paulo: Unimarco.

Kaës, R. (2000). Um pacto de resistência intergeracional ao luto. Transmissão psíquica dos efeitos da morte de uma criança sobre os irmãos e irmãos e sobre sua descendência. Em: Correa, O. B. R. (org.). *Os avatares da transmissão psíquica geracional*. São Paulo: Escuta.

Kerley, K. R., Xu, X., Sirisunyaluck, B. e Alley, J. M. (2009). Exposure to Family Violence in Childhood and Intimate Partner Perpetration or Victimization in Adulthood: Exploring Intergenerational Transmission in Urban Thailand. *J Fam Viol*, 25, 337–347.

Klever, P. (2005). Multigenerational stress and nuclear family functioning. *Contemporary Family Therapy*, 27(2), 233-250.

Magalhães, A. S, & Féres-Carneiro, T. (2009). Conquistando a herança: sobre o papel da transmissão psíquica familiar no processo de subjetivação. Em Feres-Carneiro (Org.). *Família* e casal: efeitos da contemporaneidade. (pp.24-32). Rio de Janeiro: EDIPUCRJ.

Magalhães, A. S., & Féres-Carneiro, T. (2004). Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. *Psicologia em Revista, 10*(16), 243-255.

Marra, M. M. (2008). A transmissão geracional segundo Jacob Levy Moreno. Em Penso, M. A. e Costa, L. F. (Orgs.). *A Transmissão Geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 57-75). São Paulo: Summus.

Musachio, D. S. e Daudt, P. R. (2003). *Um estudo transgeracional sobre o luto*. Aletheia, (17), 123-134.

Olsen, J. P., Parra, G. R. e Bennett, S. A. (2010). Predicting violence in romantic relationships during adolescence and emerging adulthood: A critical review of the mechanisms by which familial and peer influences operat. *Clinical Psychology Review*, (30), 411–422

Paiva, M. L. (2009). *A transmissão psíquica e a constituição do vínculo conjugal*. Tese (Doutorado – Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de concentração: Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

Penso, M. A., Costa, L. F. & Ribeiro, M. A.(2008). Aspectos teóricos da transmissão transgeracional e do genograma. Em Penso, M. A. e Costa, L. F. (Orgs.). *A Transmissão Geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção* (pp. 09-23). São Paulo: Summus.

Piva, A. (2009). A Fragilidade do Símbolo e a Transmissão Transgeracional. *Rev. Psicanálise* e *Transdisciplinaridade*. n.07, 73-85.

Poli, C. B., Munhoz, J. H., & Furtado, H. (2001). Laços de Família: a crise adolescente, segredos familiares e transgeracionalidade. *Revista do IEPP*, *3*(3), 81-92.

Sonjaperren, Agnesvonwyl, Rgin, D., Simoni, H., & Vonklitzing, K. (2005). Intergenerational

Transmission of Marital Quality Across the Transition to Parenthood. *Family Process*, 44 (4), 441-459.

Umberson, D., Williams, K., Powers, D.A., Liu, H., & Needham, B. (2005). Stress in childhood and adulthood: Effects on marital quality over time. *Journal of marriage and the family*, 67 (5), 1332-1347.

Vianna, F. P. (2006). Transgeracionalidade: "des-encontro" de gerações. *Epistemo-Somática*, 3(2), 231-2

Zordan, E. P.; Falcke, D. & Wagner A. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. Em: Wagner, A (Org.) *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Seção II – Artigo Empírico

Experiências na família de origem e conjugalidade nos anos iniciais do casamento

RESUMO

A conjugalidade se constitui a partir das experiências que os sujeitos vivenciam em

suas famílias e no contexto em que estão inseridos. O objetivo deste estudo foi compreender

como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos

inicias do casamento. Foi realizado um estudo de casos com três jovens casais, em primeira

união, com no máximo dois anos de coabitação. Os casais foram selecionados independente

de terem casado oficialmente (civil ou religioso) ou optado pela união estável. Como critério

de exclusão, foi considerado o fato de terem saído da casa dos pais por qualquer outro motivo

antes da união. Através da análise dos casos, foi possível identificar que estes casais

apresentam dificuldade no processo de separação-individuação, o que se caracteriza pela

permanência de forte vínculo com a família de origem. Evidenciou-se a transmissão

geracional através da repetição dos padrões familiares, dos modelos parentais e dos papéis de

gênero. As experiências vivenciadas na família de origem são consideradas importantes pelos

participantes para a construção do seu relacionamento, porém foi considerado difícil pelos

casais integrar as experiências trazidas de cada família. Sugere-se que novos estudos abordem

também a percepção da família de origem acerca da conjugalidade dos filhos, a fim de

complementar essa descrição.

Palavras-chave: Família de origem, conjugalidade, casamento.

Experiences in family of origin and marital in the early years of marriage

ABSTRACT

The conjugal relationship is founded upon the experiences that individuals experience

in their families and the context in which they live. The aim of this study was to understand

how experiences in the family of origin are reflected in the experience of marital initial years

of marriage. We conducted a case study with three young couples at first marriage, with a

maximum of two years of cohabitation. The couples were selected regardless of whether they

officially married or opted for a stable relationship. The exclusion criterion, was considered

the fact that they left the parental home for any reason other before marriage. Through

analysis of cases, it was found that these couples have difficulty in the process of separation-

individuation, which is characterized by the permanence of a strong bond with the family of

origin. It was clear the generational transmission through the repetition of familiar patterns,

models of parenting and gender roles. The experiences in the family of origin are considered

important by the participants to build your relationship, but it was considered difficult for

couples to integrate the experiences brought each family. It is suggested that further studies

should also address the perception of the birth family about the marital children, to

complement this description.

Key-words: Family of origin, marital, marriage.

INTRODUÇÃO

A formação do casal e, conseqüentemente, de uma nova família, se dá através do encontro dos sistemas familiares. Quando as pessoas se casam, acontece o encaixe entre sistemas míticos de duas estruturas diferentes. Neste momento, o que normalmente acontece é que os mitos da família de um dos cônjuges passam a nortear a estrutura da família atual, enquanto os da família do outro cônjuge ficam como complementares, encaixando-se aos principais (Krom, 2000). Forma-se, então, um novo sistema mítico baseado nos anteriores.

O ideal é que o novo casal consiga negociar a formação deste novo sistema para que ele seja coerente as experiências passadas. Caso contrário, os casais não avançam por meio dos processos afetivos e relacionais que ocorrem na construção do casamento e, muitas vezes, são necessários acordos em áreas que não são passíveis de serem negociadas por um dos cônjuges. Pode haver, então, um agravamento nos conflitos a ponto de paralisarem ou criarem rupturas no casamento (Andolfi & Angelo, 1989; Krom, 2000). Neste sentido, os índices elevados de separações até o sétimo ano de vida conjugal (49,07% do total de separações em 2008 - IBGE, 2008) podem revelar a não consolidação do novo relacionamento pela dificuldade de negociar a integração entre os dois sistemas familiares.

Sendo assim, o desafio da relação conjugal não é somente buscar a revivência de suas relações passadas, mas aceitar que o outro também tem uma história construída a ser compartilhada. O reconhecimento da história familiar de ambos os cônjuges permite abrir caminho para o criar, na medida em que o relacionamento atual abre uma nova perspectiva de interpretação dos relacionamentos anteriores (Silveira, 2007).

É nos momentos de crise que fica mais evidente o poder dos padrões familiares transgeracionais (Falcke, Wagner & Mosmann, 2005), promovendo ou dificultando a saúde do meio familiar. Dessa forma, o conhecimento dos processos transmitidos

transgeracionalmente nas respectivas famílias de origem favorece a escolha consciente daquilo que o casal deseja para o relacionamento atual. Nesse sentido, Féres-Carneiro (1998), citando Berger e Kellner (1970), descreve "o casamento como um ato dramático, no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram e se redefinem. O casal constrói assim, não somente a realidade presente, mas reconstrói a realidade passada" (p.379). Silva (2008) argumenta ainda que em função de um relacionamento que é importante ao casal, é necessário aceitar atitudes de compromisso e separar-se de partes que impedem de desligar-se da família de origem, às quais estão extremamente apegados.

Sendo assim, o casamento representa para cada um dos cônjuges, na perspectiva de McGoldrick (2007), a realização do processo de separação e individualização, com relação à família de origem. Cada membro do casal busca se afastar da sua família de origem para uma aproximação com o parceiro e formação do laço conjugal. Se um dos cônjuges não conseguiu tornar-se independente emocionalmente de seus pais, não permitirá diferenciar-se dos padrões familiares. O ideal do casamento seria que os cônjuges tivessem vivenciado um processo de separação-individuação satisfatório em relação às suas famílias de origem, sem renunciar os laços, mas tendo autonomia para assumir suas decisões e escolhas. Dessa forma, esse processo favoreceria com que a família pudesse apoiar, compartilhar e celebrar as mudanças inerentes a etapa do ciclo vital do casal (Borghetti, Lech & Martins, 2001).

Falcke, Wagner e Mosmann (2005) ressaltam a importância da realização do processo de separação-individuação saudável da família de origem para a constituição do casal. "Conhecer, revisar e entender as experiências vividas no berço da família de origem favorece e amplia as possibilidades de construção de relacionamentos íntimos satisfatórios" (p.76). Ao se estabelecer um relacionamento, além do EU e do TU, o casal precisa dedicar-se a construção do NÓS (Andolfi, 1989, Angelo, 1989 & McGoldrick, 2007). É o momento em que duas pessoas se unem, trazendo consigo crenças e valores oriundos das famílias de

origem, sendo necessária a modificação de dois sistemas já existentes para a criação de um terceiro (McGoldrick, 2007). Nesta perspectiva, entende-se que constituir um casal demanda a criação de uma zona comum de interação, de uma identidade conjugal.

Considerando o casamento como uma união de dois sistemas complexos, o desenvolvimento pessoal e da relação, torna-se desafiador, sendo necessária, cada vez mais, a redefinição de papéis, funções e regras (Freitas, 2002). Assim, como afirma Jablonski (2003), o sucesso de um casamento não "cai do céu", é algo que dever se valorizado como um compromisso, como uma ação conjunta do casal, comprometendo-se em manter a relação, apesar das dificuldades surgidas. Além da união privada, entre o casal, o casamento transforma o relacionamento em união formal de duas famílias. Os conflitos não resolvidos pelos cônjuges em suas famílias de origem influenciam significativamente na escolha conjugal e na estruturação de um equilíbrio conjugal (Borghetti, Lech & Martins, 2001).

Em vista da importância que a família de origem tem na formação de um novo casal e no desenvolvimento de uma relação saudável, urge a necessidade de examinar como se estabelecem tais ligações familiares, principalmente, face à possibilidade de que estas contribuam para a insatisfação conjugal e o elevado número de divórcios nos anos inicias do casamento. Partindo desses pressupostos, definimos o seguinte problema de pesquisa:

Como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos inicias do casamento?

QUESTÕES NORTEADORAS

- Como jovens casais descrevem seu relacionamento conjugal?
- Como se caracterizam as famílias de origem de cada um dos cônjuges, levando em consideração aspectos como a definição de papéis, a comunicação, a liderança, a manifestação da agressividade, a afeição física, as características da interação conjugal, o processo de individuação, a integração e a auto-estima?

- Quais experiências vivenciadas na família de origem são consideradas relevantes pelo casal para a construção do seu relacionamento?
- Como o casal integra as experiências trazidas de cada família?

MÉTODO

O que delineia a escolha do método de pesquisa é o fenômeno a ser investigado (Guba, 1981). Sendo assim, em vista do objetivo proposto, foi realizado um estudo qualitativo, com delineamento descritivo/exploratório, através do método de Estudo de Casos Múltiplos (Yin, 2005). Segundo Yin (2005), o objetivo do estudo de caso descritivo é a exposição de um fenômeno em seu contexto. Para tanto, cada caso estudado foi entendido como um caso singular, propiciando destacar aspectos específicos de sua dinâmica. Através do estudo de mais de um caso, seguimos a lógica da replicação descrita por Yin (2005), não na tentativa de uma generalização estatística dos achados, mas visando uma complementação analítica.

1. Participantes

Participaram deste estudo três jovens casais, em primeira união, com no mínimo um ano e no máximo dois anos de união, sem filhos até o momento As características dos três casais são as seguintes:

	Nomes ¹	Idades	Profissão	Escolaridade	Tipo de união	Tempo de
						união
Casal 1	Lucas	28	Cinegrafista	Técnico	Casamento civil e	1 ano e
	Gisele	27	Administradora	Superior	religioso	4 meses
Casal 2	Davi	33	Contador	Superior	União estável	1 ano e
	Aline	29	Contadora	Superior		6 meses
Casal 3	Eduardo	26	Professor Ed. Física	Superior	Casamento civil e	2 anos
	Luana	25	Promotora de Esporte	Superior	religioso	

Os casais foram selecionados por conveniência, pela indicação de conhecidos. Como critério de exclusão, foi considerado o fato de terem saído da casa dos pais por qualquer outro motivo antes da união.

_

¹ Os nomes são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes.

2. Instrumentos

Entrevista semi-estruturada – Foram realizadas entrevistas em profundidade semi-estruturadas (Olabuénaga, 1996), com roteiro que incluiu questões abertas referentes a: história do relacionamento conjugal (como se conheceram, motivos que levaram a escolha do(a) parceiro(a) e a decisão pelo casamento, como descreviam a relação ao longo do período que estavam juntos), modelos de relacionamento conjugal, relação com a sua família de origem e com a família do(a) parceiro(a). Foi realizada uma entrevista com o casal e uma entrevista individual com cada cônjuge.

Genograma (McGoldrick, 2007): O genograma é um instrumento que permite a representação gráfica da história e dos padrões familiares. Mostra a estrutura, o funcionamento e os relacionamentos da família. Neste estudo, o genograma propiciou a análise sobre a história familiar transgeracional do casal. O genograma foi elaborado em entrevista com o casal.

EFE - Entrevista Familiar Estruturada (Féres-Carneiro, 2005): A Entrevista Familiar Estruturada é um método clínico utilizada com o objetivo de compreender o dinamismo do funcionamento familiar. Permite avaliar as relações familiares, ou seja, de realizar um diagnóstico interacional da família. É composta por seis tarefas que avaliam características do funcionamento familiar (comunicação, papéis, liderança, manifestação da agressividade, afeição física, interação conjugal, individualização, integração, auto-estima e promoção de saúde emocional). Através da EFE, buscou-se identificar o funcionamento da família de origem, considerando que o objetivo da aplicação para esse estudo, não foi de avaliar as relações familiares ou de realizar um diagnóstico interacional da família, mas sim compreender o dinamismo familiar e a relação com a formação da conjugalidade do casal em estudo.

3. Procedimentos de Coleta de Dados

O estudo seguiu as recomendações éticas para a realização de pesquisas com seres humanos, de acordo com as orientações das Resoluções 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS e aprovado sob o parecer número 10/041 (Anexo A). Após contato telefônico os participantes, as entrevistas foram realizadas no local que favorecesse a eles (Casais 1 e 2 em suas residências; Casal 3 no consultório da pesquisadora). Inicialmente foi realizada a entrevista com o casal, a fim de apresentar o estudo, obter a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e conhecer a história do relacionamento, além da construção do genograma. Posteriormente, foram agendadas as entrevistas com a família de origem de cada um dos cônjuges para a aplicação da Entrevista Familiar Estruturada (EFE). Por fim, foram realizadas entrevistas individualmente com cada um dos cônjuges. Todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise.

4. Procedimentos de Análise dos Dados

Os resultados foram analisados em profundidade, caso por caso, integrando os dados dos instrumentos. A partir da análise de cada um dos casos – análise vertical, buscou-se retratar os aspectos comuns e diferenciais de interações entre os casos descritos através da análise horizontal (Yin, 2005). Posteriormente, os resultados foram integrados com as características do relacionamento de jovens casais e as experiências da família de origem já descritas na literatura.

RESULTADOS

CASAL 1 – Gisele e Lucas

Dados da história do casal:

O casal se conheceu através de amigos em comum que os apresentaram em uma festa. Gisele se interessou por Lucas pela sua simpatia, extroversão, e no primeiro contato, Lucas já demonstrou desejo em namorar: "Eu sentia no Lucas... que ele tinha um sentimento de família, união, simpático, extrovertido... isso". Lucas motivou-se em ficar com Gisele por achá-la uma pessoa carinhosa e com valores de família: "Foi por a Gisele ser uma pessoa séria, estudiosa, trabalhadora... sentia que era pra casar". Permaneceram se encontrando por aproximadamente 2 meses, até que decidiram pelo namoro e conhecer suas famílias.

A primeira impressão que Gisele teve ao conhecer a família de Lucas foi de sua sogra ser super-protetora do filho, mas com o tempo isso foi passando: "A minha primeira impressão foi negativa! Já disse isso pro Lucas. Achei minha sogra muito super-protetora: 'Ai meu filhinho, como tu tá ...' e não sei o que... Mas hoje me dou bem com minha sogra". Já, para Lucas, conhecer a família de Gisele foi tranqüilo: "Com a família da Gisele foi tudo bem tranqüilo, conversei com o sogro, gostei dele! Aí já fiz um chimarrão (risos). Foi bom".

Permaneceram namorando por aproximadamente cinco anos e romperam o relacionamento em função de uma suposta filha que Lucas teria, o que não se confirmou no DNA. Gisele ficou sabendo a história por Lucas, quando se conheceram, mas a criança foi motivo de conflito. Segundo Gisele:

"Aí foi que o nosso relacionamento deslanchou... O Lucas não se desligava daquela criança e foi que eu não agüentei mais. Sabe, queria que ele entendesse que eu tinha valor e que me desse mais valor. E a criança se prendeu ao Lucas por ele ter esse laço. Eu falava em casar e via certa resistência da parte dele. Eu pensava que ele me trocou pela criança e isso me magoou muito."

Após cinco meses separados, reataram o namoro e, durante esse tempo que permaneceram distantes, acreditam que sentiram realmente o amor que tinham um pelo outro. Nesta ocasião, decidiram ir morar juntos. Porém, os pais de Gisele consideravam importante o casamento. "Por nós, não íamos casar, por problemas financeiros, mas meus pais ajudaram porque eles acham importante" (Gisele). Lucas afirmava que sua família tinha a mesma opinião, mas não tinham condições financeiras para ajudar com a festa e cerimônia: "Meus

pais também acham importante casar tudo certinho, mas só podemos casar porque os pais da Gisele pagaram, e foi uma mega festa, nossa, tudo muito bom, lindo, foi um casamentão".

Foi então que Gisele e Lucas casaram no civil e religioso. Consideram seu relacionamento conjugal muito bom e acreditam que tem melhorado depois do casamento. Apesar de Lucas considerar Gisele ciumenta e isso ser motivo de brigas:

"A Gisele é muito ciumenta, bastante ciumenta, até assim, às vezes, ela me sufoca de tanto ciúme bobo. Que eu tenho um problema, eu sou... não é que eu queira me achar, mas eu sou simpático, se eu tiver que fazer o bem pra uma pessoa eu faço, não importa se ela é bonita ou se é feia, se é mulher, se é homem. Só que tem algumas coisas que eu sinto pela parte da Gisele que pelo fato de eu ajudar alguém e ser mulher, ela acha que tem coisas sabe, é um ciúme muito... Bá! Eu já sofri bastante, mas já consegui educar bastante a Gisele e passar minha confiança pra ela."

Na mesma direção, Gisele afirma que tem dificuldades em aceitar o jeito bondoso e solidário de Lucas, porém, considera o relacionamento conjugal positivo:

"Vejo como algo positivo, às vezes eu acho que é tamanha diferença, e às vezes eu acho que fomos feitos um para o outro. É estranho assim... temos dias maravilhosos, aí vejo os defeitos aflorarem e quero chutar o pau da barraca. É que o Lucas é muito orgulhoso e, às vezes, qualquer besteira acaba virando em briga.... Mas também temos coisas parecidas em relação a planos, casa, família, os mesmos gostos".

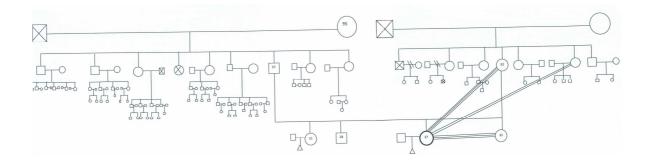
O casal percebe as diferenças que existem na criação de cada um e procuram entender tais particularidades com o intuito de se relacionarem de forma mais harmoniosa. Conforme relata Gisele: "eu acho que o mais importante de todas essas diferenças é ir se adaptando um ao outro".

Ao serem questionados se existe um modelo de relacionamento conjugal, Gisele respondeu rapidamente: "Meus pais. Meu pai é o tipo de marido que eu queria! Meu pai é apaixonado pela minha mãe. Ele aceita tudo!". Lucas afirma ser realmente dessa forma: "É, lá é assim mesmo, a mulher é que dá a última palavra e a Gisele era igual a minha sogra, coisa que na minha família não é assim". Porém, Gisele reconhece que tem mudado esse seu jeito: "Mas o Lucas me mudou quanto a esse jeito. Porque eu melhorei, penso mais antes de falar". Lucas diz que prefere não ter um modelo de relacionamento a seguir: "acho que tem que ser do meu jeito e do da Gisele. A gente se dá super bem. Depois do casamento, nossa

vida melhorou muito". Porém, afirma que também segue o exemplo dos pais: "é notório, no meu casamento, a Gisele se espelha nos pais dela e eu me espelho nos meus pais".

Família de Gisele:

Genograma



Gisele é a terceira filha de uma prole de quatro, sendo a única até o momento a ser casada. Cresceu em um lar, onde seus pais foram sempre batalhadores em relação ao trabalho. Em função disso, aprendeu, desde pequena, a ter que realizar atividades diárias e a cuidar de si e de sua irmã mais nova. Quando cresceu, iniciou suas atividades de trabalho auxiliando os pais na empresa da família e, após um tempo, decidiu abrir seu próprio negócio.

Possui um contato freqüente com sua família de origem; almoça na casa dos pais todos os dias durante a semana. Na família de origem, possui maior proximidade com sua mãe e sua irmã mais nova. Afirma ter um relacionamento conflituoso com a mais velha. Mantém bastante contato e afinidade com sua tia (irmã de sua mãe), que trabalha com Gisele na loja dela, com a qual conversa sobre assuntos relacionados à sua vida. Com os outros familiares mantém contato com menos freqüência, pois a maioria reside em outras cidades.

Sua saída da casa dos pais foi complicada, especialmente para sua mãe, que expressa sentir muito a saída dos filhos: "Sempre fica um vazio... Porque a gente sempre quer os filhos aqui" (chora). Os próprios filhos sentem que a mãe tem resistência em se separar deles, conforme argumenta Gisele: "É, na verdade, a mãe segura, por enquanto, né?". O pai fica feliz por Gisele ter casado, mas gostaria de ter mais contato com os filhos, conviver mais

perto deles: "a gente não convive tão diariamente, tão junto como gostaria. Sempre é bom ter os filhos do lado, mas...". (se emociona).

Gisele se identifica com sua mãe, por ser uma pessoa determinada, corajosa e ter um gênio forte. Essas características Gisele percebia também em sua avó materna e está reconhecendo que ela vem repetindo, ao dizer:

"Sempre falei que a voz mais forte era da mãe dela [avó], e foi assim com ela. Me identifico com os defeitos dela, mas tento corrigir. Tem uma coisa que eu tento cuidar pra não ser igual, que o Lucas até fala que ela é cherifona. Pelo jeito que eu falo, a expressão, mas ele implica com essa personalidade mandona. Então às vezes ele se irrita do jeito que eu falo, por ser como minha mãe. Mas o Lucas me mudou quanto a esse jeito, porque eu melhorei, penso mais antes de falar, e assim... eu me espelho na minha mãe. E o meu pai... o pai é mais relapso, cede, não se importa. Meu pai mudou muito, o pai era sério, tinha esperança, fé, sonha e quer realizar e a mãe não, a mãe, diz tudo pra quê... Eu acho que o que eu carrego é herança, principalmente a honestidade. Eu acho que é uma herança, na verdade eu concordo que o que a gente vê de bom a gente leva".

Os pais de Gisele são casados há 32 anos e o casamento deles é visto por ela como modelo de relacionamento. Relata que apesar de terem momentos conturbados, discutem, resolvem o problema e logo ficam bem. Admira o respeito e cuidado mútuo. Gisele tem ainda uma visão do casamento de seus avós maternos como um "conto de fadas". Via a sua avó como uma pessoa autoritária e seu avô era calmo, passivo e se preocupava excessivamente com a esposa, conforme conta:

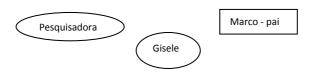
"Um conto de fadas. O vô era um ser abençoado na terra e a vó era a manda chuva da casa, sabe bem aquela coisa de geração. Também ela era muito difícil, complicada. Bom, o vô faleceu de infarto de ver a vó desmaiada".

Com seus avós paternos, não teve muito contato, mas tem informações através dos tios de que havia mais desentendimentos, pelo fato da avó ter um comportamento difícil de lidar, ser autoritária demais.

Síntese dos dados da EFE:

Diagrama de como sentaram:





*Rafael (irmão) não compareceu, pois não reside na mesma cidade.

A entrevista foi realizada na casa dos pais de Gisele, por opção deles. Ao ser recepcionada por Gisele e seu pai, fomos acomodados na sala, sua mãe apareceu espontaneamente e Gisele chamou suas duas irmãs para dar início a entrevista. O casal se posiciona um de frente para o outro, intercalado pelas filhas, denotando um privilégio da posição parental frente à conjugal, o que também evidencia-se em algumas falas:

"Claro, a gente trabalha pra dar o melhor pros filhos, né? Sempre tá correndo atrás da máquina pra dar o que eles necessitam" (Ana).

"É, a gente viveu tanto tempo junto, a gente teve filho e sempre fazendo tudo junto pra eles, a gente não pode puxar pra um lado nem pro outro. Eu não quero muita coisa na vida, eu só quero a felicidade da minha família. Se não tem família, não tem nada, tá tudo perdido" (Marco).

"Quando a gente está em casa, os filhos não se preocupam com nada. A gente faz o almoço e eles dormem até mais tarde. Levantam quando o almoço está pronto" (Ana).

O grupo familiar respondeu as tarefas com carga emocional adequada, manifestando pesar, principalmente ao serem questionados sobre como foi a saída dos filhos de casa:

"Sempre fica um vazio... Porque a gente sempre quer os filhos aqui". (Ana fala e chora).

Em outra situação a mãe demonstra a dificuldade de aceitar o crescimento dos filhos: "Tem coisa que a gente quer guardar sempre, algumas roupinhas, caderninhos, tem umas lembrancinhas que a gente quer ter dos filhos, né? É difícil ver que eles cresceram". Os filhos sentem essa dificuldade da mãe em separar-se deles, conforme afirma Cátia: "A mãe segura os filhos pra ela". E Gisele concorda ao dizer: "É, na verdade, a mãe segura, por enquanto, né?". Observa-se, por esses relatos, a dificuldade do casal, especialmente de Ana, em ir ressignificando a posição parental na medida em que os filhos crescem e vão necessitando menos dos pais. Buscam manter a unidade familiar, o que pode até ser indicativo

de dificuldades no subsistema conjugal. Na última tarefa, ao se abraçarem, demonstram-se emocionados e o pai expressa: "Aqui somos todos unidos, não tem quem não se goste".

A mãe aparenta uma posição de liderança, enquanto o pai mostra-se dependente dela: "Olha, é bem verdade que eu não sei o que seria de mim sem ela. (aponta para esposa) E acho que é a mesma coisa sem os filhos". Ao responder as perguntas, Marco olhava para a esposa Ana, buscando uma aprovação do que estava falando. Ele também reconhece: "... mãe é mãe e muitas vezes, o pai pode fazer seu papel, mas eu não, eu não sei eu não tenho paciência, esse jeito da mãe, a mãe foi muito importante pra eles". Aproveita a oportunidade para expressar seu sentimento aos filhos:

"Erros a gente comete, mas sempre tentando acertar, né? Então a gente passou por diversas fases também. Quando eles eram pequenininhos mudamos de uma cidade para outra, ah, tem muita coisa, então... De repente até abalou um pouco eles também, tudo isso... mas... (se emocionou). Eu quero só dizer que eu sou muito feliz com meus filhos, tem problemas de vez em quando, mas estamos aí pra resolver".

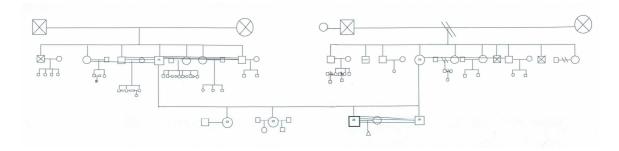
Os papéis familiares são flexíveis, sendo que em alguns momentos os filhos assumem a função dos pais, o que é esperado para a fase do ciclo vital em que se encontram. Os filhos participam das decisões, dão suas opiniões e discutem quando discordam dos pais. A individuação está presente, muitas vezes expressam diferenças e discordâncias de cada um, possibilitando que a agressividade se manifeste de forma saudável, como diz Marco:

"Nós até sentamos e conversamos, mas enquanto estamos fazendo almoço, janta, qualquer coisa, o pessoal tá conversando, mesmo que discutem entre eles... Dá aquela paulera, mas sempre dá um jeito de conversar".

Pelos dados da EFE, observa-se que a família de Gisele foi preponderantemente promotora de saúde, ainda que alguns pontos possam dificultar a saída dos filhos de casa, como a priorização do subsistema parental em detrimento do subsistema conjugal e a superproteção dos filhos, gerando a necessidade de que todos fiquem muito próximos.

Família de Lucas:

Genograma



Dados da família

Lucas é o terceiro de uma família de quatro filhos. Cresceu em um ambiente com muitas dificuldades financeiras. Por esse motivo, desde muito cedo precisou trabalhar para ajudar no sustento do lar, tendo inclusive abandonado os estudos. Foi criado com simplicidade e humildade, precisando de ajuda mútua para sobreviverem, conforme afirma Inácio, pai de Lucas: "É, todo mundo pegou parelho quando precisamos". Com muito esforço, Lucas concluiu um curso técnico e conseguiu um emprego.

Possui um contato diário com sua família de origem, com relacionamento muito próximo, especialmente com seus pais. Procura saber como estão, ajudar quando precisam:

"... eu sou muito do coração, sabe, então eu quero estar sempre por dentro das coisas que acontecem com eles, querer ajudar eles, dos problemas deles, só que às vezes eles não me contam muito porque eles sabem que eu sou meio nervoso, estressado, que eu me preocupo por eles. Eu sou muito família e sempre fui".

Com seus irmãos, tem um convívio mais freqüente com os que residem na mesma cidade, encontrando-se pouco com a irmã que mudou-se para outro estado. Lucas almoça durante a semana e freqüentemente no domingo e dias de feriado na casa de seus pais. Com os outros familiares não possui muito contato, tendo perdido o vínculo com alguns.

Lucas possui um tio que se suicidou (irmão mais velho de seu pai) e os familiares acreditam que o motivo foi em função da esposa, que o desprezava e o anulava enquanto marido. "Ele tratava muito bem a esposa, fazia todas as suas vontades para agradá-la e mesmo assim ela o tratava com desprezo". Inácio reconhece características desse irmão no filho Lucas, pelo fato de ser atencioso, carinhoso e bondoso com as pessoas e com a esposa.

No entanto, Lucas procura seguir o exemplo de seu pai: "Me identifico mais com meu pai. Meu pai é meu espelho. Não bebe, não fuma, é calmo, procuro me espelhar nessas coisas boas. Temos um bom relacionamento, conversamos sobre negócios, é honesto, é um bom exemplo como pai". Seus pais estão casados há 31 anos e, em sua visão, possuem um relacionamento bom, mas principalmente focado nos filhos. Vê seu pai como mais teimoso:

"Meu pai é mais cabeça dura, se não gosta de alguma coisa que a mãe fez, fica quatro dias sem falar com ela, até se amansar. Mas o que eu mais percebo é que eles vivem para os filhos, são bem galinha choca. Querem sempre estar por perto dos filhos, parece que isso é tudo pra eles".

Devido ao pouco contato com seus avós, Lucas não tem muito conhecimento de como foi o casamento dos mesmos. As informações que possui é que seu avô materno era bem autoritário e abandonou a família para ir morar com outra mulher.

De acordo com Lucas, sua saída de casa foi complicada para os pais. Durante um tempo, sua mãe permaneceu indo em sua casa e telefonando diariamente para ver se estavam precisando de ajuda. Continuou lavando as roupas do jovem casal, sendo que a mesma ia até a casa deles, pegava as roupas sujas, levava para sua casa e entregava as roupas limpas.

"Minha mãe é meio ciumenta, que eu percebo assim. Tinha que ver quando eu saí de casa, a minha mãe só faltou chorar. Mas normal assim, não que ela não gostasse. Acho que é um ciúme bem natural, sadio, porque... sei lá é uma coisa bem de mãe, que sempre deu a vida por um filho. Minha mãe, se precisar tirar a camiseta pra dar pra um filho não passar. Se precisasse não comer para dar pra um filho, ela não comia, sempre foi assim. Então eu acho isso bem natural, essa atitude dela, então... sei lá se ela sente que ta perdendo um pouco os filhos, porque a gente cresce, cria compromisso, tu acaba ficando mais maduro, talvez tu não dá tanta bola pra família quanto deveria, porque tu sempre tem problema, tu tem tua casa pra administrar. E o meu pai também, pelos filhos, ele faz tudo. Até eles iam lá no apartamento direto".

A mãe confirma a fala de Lucas: "A família unida, sempre com os filhos, netos, todos juntos, assim eu gosto. Eu sou bem galinha choca, quero todos sempre em baixo da minha asa". Para seu pai: "Pra mim, prazer é todo mundo reunido, daí fica mais tranqüilo". Assim, após o casamento de Lucas, sua mãe expõe um sentimento de perda: "Aliás, eu tô estranhando agora que o Lucas e a Gisele casaram. Eu tô acostumada com a família unida. Eu ainda não acostumei que o Lucas desgrudou da saia da mãe".

Síntese da EFE:

Diagrama de como sentaram:



^{*} Não compareceram dois irmãos: Rúbia – mora em São Paulo e Júlio –não compareceu devido ao trabalho.

A entrevista foi realizada na casa dos pais de Lucas. Ao chegar, fui recepcionada pelo seu pai, o qual foi muito simpático; logo após sua mãe vem me receber. Sua irmã Carla já estava aguardando para a entrevista. Após alguns minutos, Lucas chegou e então iniciamos.

Inicialmente, foi possível observar um grupo familiar muito unido, com expressão de afeto e emoção. Papéis definidos e claros, entre filhos e casal, respeitando a individualidade de cada um, assim como afirma Inácio: "Acho que a compreensão de cada um e o respeito é a base de tudo". Foi assim que se portaram durante a entrevista. A comunicação era congruente e com direcionalidade adequada. Demonstram ajuda mútua, se unindo para resolver os problemas, o que ficou aparente nas tarefas, especialmente na primeira, na qual mostram que reuniriam pessoas para ajudar e cada um assumiria uma parte da mudança.

"Nossa! Já fizemos algumas mudanças na pressa, tinha que se mudar em 30 dias, aí todo mundo pegava, todo mundo reunido" (Lucas).

"Tem que ser bem planejado, vamos se organizar pra todo mundo ajudar. Um limpa, o outro embrulha, outro carrega. Geralmente as mulheres arrumam e os homens carregam. Lembro de uma vez que nós ia se mudar, e quando a casa que nós ia vagou, nós tava almoçando, largamos tudo e se atracamos, num mutirão. Tem que ter coletividade" (Inácio).

Os pais funcionam como um modelo de relação conjugal, onde os filhos procuram seguir os exemplos.

"Qual é o casal que não tem discussão, a gente tem, nada sério que não é perdoável e a gente tenta se entender. Fora disso, sempre se damos bem e procuramos resolver as coisas com respeito e fidelidade, até em função dos nossos filhos, tem que dá o exemplo, né?" (Vera).

"Os pais são os exemplos pra nós" (Carla).

Os pais demonstram se auto-valorizarem, principalmente envolvendo os filhos como sendo o motivo da auto-estima. "O que mais gosto em mim, é sentir o amor dos meus filhos e estar sempre lutando. Me sinto importante perante meus filhos. Eu me amo!" (Vera fala e ri). Inácio se valoriza porque considera: "Sou um bom pai e um bom marido".

A união, comprometimento entre o casal e responsabilidade que assumem em transmitir o exemplo a seus filhos refere uma interação conjugal satisfatória e gratificante.

"Eu poderia abraçar todo mundo. Mas vou abraçar minha companheira, que graças a Deus a gente é uma família unida! Se a pessoa assume um relacionamento tem que ser definitivo, e no coletivo sempre se ajudando em todas as horas" (Inácio).

Através da EFE, pode-se perceber que a família de Lucas é bastante unida. Ainda que tenha alguns indícios de emaranhamento e uma certa dificuldade em facilitar o crescimento dos filhos e a saída deles de casa.

Relacionamento com a família de origem nos anos iniciais do casamento:

Após o casamento, Gisele e Lucas continuam com um contato próximo com suas famílias de origem, sendo que os principais relacionamentos que possuem são com seus familiares:

"A gente convive mais com a família dele do que com a minha. Na verdade, um pouco é porque eu vou lá todos os dias né e um pouco também é porque o Lucas não faz muita questão. Ele é assim e não adianta, tanto pra ir em qualquer outro lugar sabe, é difícil tirar ele de casa, então o único lugar que ele se sente em casa, além da nossa casa, é na casa dos pais dele. E eu também, não vou mentir, eu me sinto muito à vontade lá na casa dos pais dele. Se eu chego lá, minha sogra faz de tudo pra agradar e aí tu se sente à vontade. Sei lá é diferente como ele foi criado de como eu fui criada, então pra começar por aí assim, sabe a gente chega lá, a gente interage, e lá em casa não, a gente chega e daí a minha mãe tá envolvida em alguma coisa, meu pai tá no outro canto da casa assando carne, e ali é tudo junto, a família toda é envolvida sabe... Mas claro, eu gostaria de ir mais na casa dos meus pais e ele sabe disso... Até minha mãe percebe, que nem a semana passada, eu e ele tinha discutido, a gente tinha brigado, daí ele pra se cobrar, pra me machucar, a gente tinha combinado que no domingo nós ia almoçar lá nos meus pais e aí ele não foi e eu fui sozinha e aí tava toda a minha família reunida e o meu pai e minha mãe esperando o Lucas porque é difícil ele aparecer lá em casa. E aí eu cheguei sozinha e eu fiquei bem chateada sabe. Eu disse até pra minha sogra fui lá e disse... e também falei pra ele que a minha família não tem nada a ver com as nossas discussões, porque briga de casal não tem nada que envolver pai e mãe, cachorro e vizinho" (Gisele).

Gisele tem um relacionamento próximo e intenso com sua mãe, para quem sempre expõe suas idéias. Na família, mesmo após o casamento, Gisele participa das decisões e seus pais se direcionam a ela em determinados assuntos. Por outro lado, pensa que poderia ter mais apoio de seus pais, como receber a visita deles em sua casa com mais freqüência, e até ajuda financeira, o que é feito para seus irmãos, conforme afirma Lucas: "Uma coisa que a gente se incomoda com a família da Gisele é que os pais dela sempre ajudam mais os irmãos dela. E meu pai, se tem cinco reais no bolso, ele me dá... essa falta de ajuda deles, sabe?"

Gisele acredita que, pelo fato de ser independente financeiramente, determinada para conquistar seus objetivos e realizá-los, seus pais pensam que não precisam ajudá-la. Lucas diz possuir um bom relacionamento com os familiares de Gisele: "Ah, eu adoro meus sogros, não tenho nada contra, converso, me dou bem mesmo. Às vezes minha sogra da umas cutucadas, mas temos que relevar". Sente que existem diferenças na forma de criação: "É até pra vim aqui, meus pais são bem mais participativos, sempre estão aqui ajudando. E meus sogros ainda não vieram aqui. Acho que temos criações bem diferentes, de ajuda, união, sei lá".

Assim como Lucas, Gisele diz sentir-se bem em relação à família do esposo:

"É muito bom o relacionamento entre a gente. Minha sogra pra mim é minha segunda mãe e eu percebo que ela me tem como uma filha. Às vezes até fico meio assim... porque ela diz: 'a mãe faz pra ti, porque a mãe sabe', tipo dá a impressão de que a gente não é capaz de fazer as coisas do jeito que ele quer. Mas eu percebo que isso é coisa que ela nem percebe, ela não faz por mal, então eu tento também relevar essa situação, faço que não escuto, faço de conta que não entendi o que ela quis dizer e não levo adiante, não faço drama".

Porém, Lucas acredita que, após o casamento, com o tempo, o relacionamento com seus pais melhorou, no sentido de sua mãe demonstrar menos preocupação; foi aceitando o crescimento do filho: "Ah, já melhorou, ela não tá mais tanto... não vou dizer carinhosa, que comigo ela sempre foi, mas eu acho que pra ela já amadureceu a idéia de que o Lucas já não é mais um bebê". Com seu pai, conversa de forma mais madura sobre negócio e trabalho. Lucas sente uma melhora do início do casamento até o momento, onde os pais estão aceitando mais a evolução, a mudança de fase no ciclo de vida.

Análise do Caso 1:

A história conjugal de Lucas e Gisele permite refletir sobre o papel das experiências na família de origem na etapa de constituição do casal. A escolha conjugal ocorreu, para ambos, por considerarem o parceiro como uma pessoa séria, responsável e "de família". Nesse sentido, demonstram uma motivação que traz implícita a relevância que atribuem aos seus núcleos familiares. Além dessas manifestações conscientes, que Elkaim (1990) caracteriza como "Projeto Oficial", podem ser pensadas outras manifestações de caráter mais inconsciente, que o autor diria que constituem o "Mapa do Mundo". Nesta direção, pode-se constatar que Lucas e Gisele repetem os papéis de gênero, caracterizando marido e esposa conforme os modelos familiares. Ela mas "cherifona" e ele mais calmo e solidário. O pai de Lucas chega a compará-lo com um irmão seu que se suicidou, aparentemente, pelo desprezo que sofria no casamento. Lucas refere que tenta mudar o jeito de ser de Gisele, mas poderíamos pensar que, possivelmente, foi esse jeito que o atraiu, motivado pelas experiências na família de origem? Barbach e Geisinger (1998) referem que as pessoas buscam nos parceiros a replicação dos modelos vivenciados na família de origem, não como um pressuposto masoquista de repetir o mesmo sofrimento, mas como forma de buscar uma nova solução para o conflito vivenciado. Essa seria a tentativa de Lucas? Gisele, por sua vez, considera que nas brigas do casal, as famílias não deveriam ser envolvidas. Por outro lado, ao relatar a última discussão com o marido, revela que foi contar para a sogra o que tinha ocorrido, reforçando o modo de funcionar da família de Lucas, que ela questiona. Pode-se pensar então que, ao mesmo tempo em que ela problematiza a influência dos familiares, pela sua própria experiência em uma família com fronteiras difusas, acaba por favorecer o emaranhamento familiar.

Pode-se pensar que Lucas e Gisele provêm de núcleos familiares com características semelhantes, nos quais os pais privilegiam a função parental em detrimento da função

conjugal. No núcleo familiar de Gisele, a ausência conjugal é mais evidente, em função da dedicação exclusiva aos filhos, porém, na família de Lucas, é mais visível a dificuldade em permitir o crescimento dos filhos e a saída deles de casa. Os pais tendem a infantilizá-los e a mostrarem-se extremamente dependentes da proximidade dos filhos, mantendo-os "na barra da saia" e interferindo na vida do jovem casal, inclusive indo na casa deles buscar a roupa suja.

Neste casal, então, percebe-se vivências semelhantes nas famílias de origem em muitos aspectos (emaranhamento e privilégio da parentalidade perante à conjugalidade, por exemplo) e características complementares em outros (como no caso dos papéis de gênero que desempenham, ela mais mandona e ele mais tranqüilo). Os anos iniciais do casamento tem sido a oportunidade para que eles revisem as experiências com os núcleos originais e construam a sua identidade como casal. Lucas percebe um amadurecimento na sua relação com os pais, identificando que a mãe já se dá conta de que ele não é mais um bebê. Fica evidente, pela história do casal, que essa etapa inicial do casamento tem sido significativa para o processo de separação-individuação de Lucas e Gisele em relação as suas famílias de origem. Conforme McGoldrick (2007), cada membro do casal busca se afastar da sua família de origem para propiciar uma aproximação com o parceiro e fortalecer o laço conjugal.

CASAL 2: Aline e Davi

Dados da história do casal:

O casal se conheceu há aproximadamente 14 anos quando se encontraram em um baile. Após um mês, iniciaram o namoro. Ao falar sobre os motivos pelos quais se interessou por Aline, Davi comenta:

"Ai meu Deus, o que se diz nessa hora! Não sei se teve a tal da afinidade. Porque a primeira impressão é..., tu não sabe como ela é, o que ela tem de bom, então a primeira coisa é a aparência, né? E pra mim foi, a aparência e o resto foi uma conseqüência... depois vem as qualidades, a gente gosta das mesmas coisas".

Aline, por sua vez, achou Davi extrovertido, mas ao mesmo tempo sério e responsável: "O que eu vou dizer... Eu achava o Davi extrovertido, maduro, sério, responsável". Por esses motivos, permaneceram namorando por 12 anos até sentirem a necessidade de ir morar junto:

"Eu acho que tudo tem seu tempo, tem uma hora que tu quer tua casa, né? Tu quer fazer tuas coisas, porque com os pais nem tudo pode, até de repente pode, mas pode ser que incomode, de repente tu acha que tá incomodando, coisa assim" (Davi).

"Ah, eu acho que pelo fato de a gente estar tanto tempo junto né, se conhecer. Eu acho que a gente precisa do canto da gente pra se conhecer melhor ou... como vou te explica... até mais pra formar família né, construir uma vida" (Aline).

Foi quando alugaram um apartamento, onde moraram pouco tempo, e mudaram-se para uma casa nos fundos da casa dos pais de Aline, onde residem atualmente. Ao ser questionado o motivo de terem se mudado, Davi respondeu:

"É que antes morava um irmão da Aline aqui. Daí resolveram sair, porque precisaram de um espaço maior, porque a mulher dele é massagista e a casa ficou vaga e os dois ali, mais velhinhos (os pais de Aline), daí a Aline disse: 'Bá, mas nós podiamos ir morar lá, né, ficamos perto do pai e da mãe, mas não moramos junto e não pagamos aluguel' e nós ia lá só pra dormir mesmo, nunca fizemos comida em casa, comia em restaurante ou na mãe dela ou lá em casa (casa da sua mãe)".

Questiono como ele se sente com essa mudança e ele responde que se sente bem:

"Eu vou lá mais nas refeições (risos). A Aline que vai mais, sempre quando ela chega do serviço, ela pára lá pra tomar chimarrão. Às vezes também dou uma passadinha, mas eu venho aqui assistir o Pica-Pau (risos) e ela logo vem também".

Aline assegura ser positivo morar perto de seus pais: "Ah eu me sinto bem. Até porque eu sou muito sentimental a respeito disso (chora), a gente fica responsável por cuidar deles, provavelmente seja isso, que eu vou ficar pra cuidar, né?". A decisão do casal em ir morar junto, ao invés de casar oficialmente, foi aceita pelas famílias de origem, porém os pais de Aline continuam insistindo: "Ah, imagina! Para meus pais, tem que casar! Imagina, é que todos os meus irmãos casaram, então eu fui a única filha diferente, a ovelha negra. Hoje ainda a mãe fala em casar e coisa". Já segundo Davi, seus pais não se manifestaram: "Da minha família, pelo menos não teve problema. Quanto a isso, nunca tive problema, só a mãe

que... é aquela história, né, por ela nós tava lá com eles". O casal acredita que a relação conjugal esta boa e não mudaria nada com a oficialização:

"Ah a gente fala até em casar, mas não é uma coisa que me chame tanto atenção. Tem uma irmã da mãe que era bem assim, as filhas tinham que casar e todas se separaram depois. Então não sei se é isso que eu tenho um trauma" (Aline).

"Ah, casar, uma hora vai acontecer, mas a gente se preocupa com outras coisas antes. Eu acho que com o casamento não vai mudar nada, só o papel" (Davi).

Consideram que, pelo fato de gostarem das mesmas coisas e por evitarem discutir, o relacionamento está bom. De acordo com as palavras de Davi: "Acho que o relacionamento tá bom. Nós não temos problemas de convivência, não. Ela gosta de ficar em casa, eu também. Tem um monte de coisas que a gente gosta das mesmas". Aline concorda: "Com o tempo, a gente criou certa dependência um do outro, tu não acha? Assim, a gente sempre se espera pra fazer as coisas, pra ir no mercado, procuramos fazer as coisas juntos".

Ao serem questionados sobre que coisas deveriam melhorar no relacionamento ficam em silêncio e apenas Aline responde: "Ah, tipo algumas brincadeiras, sei lá... Eu às vezes falo bastante besteiras...". Na entrevista individual Aline complementa sobre como considera o relacionamento atual do casal:

"Eu acho que está bom, tem, de vez enquanto, umas rusguinhas, mas eu acho que todo mundo tem... a gente gosta das mesmas coisas. Acho que tem que saber como chegar no Davi pra ele entender sabe, porque as vezes pode ser que o meu jeito não é o melhor... Um pouco também eu não tinha colocado pra ele o que eu penso... No começo, ele tinha ciúmes, eu achava bonito, ao invés de falar: 'Olha, não precisa disso, não é por aí'. Nossa senhora, eu adorava aquilo! Então, de certa forma, eu acho que foi ajudando e agora fica difícil eu dizer não, não pode ser assim" (risos).

Em relação a modelos de relacionamento que o casal considera ideal, afirmam que não existe um a seguir. Para Davi: "Não tem, acho que vai depender de nós, não sei...". Já Aline considera que "o ideal é ambos se respeitar, se aceitar do jeito que a gente é, que aí não existiriam brigas. Respeitar a privacidade de cada um". Porém, na entrevista individual de Aline, ela compara seu relacionamento com o de seus pais, em relação à confiança:

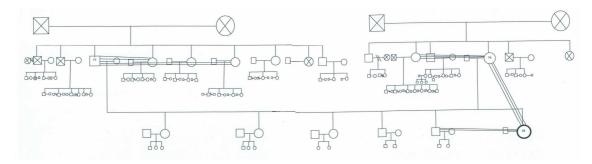
"Por exemplo, o pai, ele sempre sai, vai jogar a canastra dele, sai sem avisar, mas a mãe sabe aonde ele vai, é tranqüilo assim, tem uma confiança daquilo que tu vai fazer. O Davi já é bastante ciumento. [...] Não gosta que eu vá. Então, pra evitar conflito, eu já não vou. Não sei se ele não confia, essa parte que eu não entendo muito dele sabe (se emociona). A gente já brigou bastante por isso, então eu prefiro deixar".

Quanto às dificuldades encontradas no relacionamento, Davi explicita: "A interferência das famílias, não sei...". Logo depois afirma: "Ah, até que não tanto, com nós é tranqüilo". Aline concorda: "É eu acho". Nesse sentido, Davi afirma que, mesmo se tiverem alguma dificuldade, a maneira de resolver é através da conversa: "Ah eu acho que tem que conversar, entender o que aconteceu... É que tem coisas que, na hora, parece que tu não consegue segurar, mas depois esfria, acalma, volta ao normal". Aline argumenta:

"O Davi é assim de ficar meio emburradinho, se tem alguma coisa que ele não gostou, ele não vem assim, chega e diz, ele fica quieto na dele. E eu, às vezes eu falo, mas eu procuro não falar muito, porque às vezes dá umas rusguinhas sabe. Então eu não posso ficar muito perto de homem, porque senão é capaz de... E no mais a gente já se acostumou assim, com o defeito de um com o outro".

Família de Aline:

Genograma



Dados da família:

Aline é a filha mais nova de uma prole de seis. Todos seus irmãos são casados e possuem filhos. Para a família dela, o casamento é fortemente valorizado e deve ser realizado no religioso e no civil, algo muito cobrado pelos pais da mesma. Conforme afirma o pai de Aline: "É que a gente gostaria que todos fossem casados, que tivessem um compromisso. E a prova está aqui, a nova aliança (mostrou a aliança). Nós até renovamos nossos votos com as

bodas de ouro". Os pais de Aline estão casados há 50 anos. No início, moraram com os pais de Hélio, até conseguirem construir sua casa. Na época, com muitas dificuldades, batalharam com apoio mútuo. Para a mãe de Aline: "Era difícil... Minha sogra não falava brasileiro, só em alemão, era difícil de entender. Os filhos, nós levava junto na lavoura e colocava eles dentro de uma caixa... Mas fomos dando um jeito de se adaptar". Hélio complementa: "É assim, eu tenho tu e tu tem eu. Então vamos trabalhar junto, se ajudar, ser companheiro".

Aline afirma que, no casamento dos pais, existe confiança, mas ocorrem discussões que considera desnecessárias, em relação a mãe não concordar com algumas coisas que o pai faz, como, por exemplo, ir todos os dias jogar canastra. Outro motivo de discussão é que para sua mãe, as coisas que decide fazer no momento, devem ser feitas imediatamente. Nesse sentido, Aline se considera parecida com sua mãe:

"E a mãe, e eu sou parecida com ela nisso, se tem um plano de fazer isso agora, tem que fazer isso agora! Se deixar passar não vou mais ter vontade de fazer, ou vai ser tarde, ou... Essa parte que é o motivo das discussõeszinhas deles, né?"

Aline possui um contato bem próximo com sua família de origem, especialmente com seus pais, conforme explica: "Quando chego do serviço e antes de vir pra casa, tenho que dar uma passada, dar uma olhada. Daí eu venho, largo as coisas, e se o Davi não chegou ainda eu volto lá. Eu fico com eles quando o Davi não está em casa". Por ter esse contato bem próximo com seus pais, Aline afirma não ter sentido muitas dificuldades quando saiu de casa. Mesmo assim sua mãe expressa que sentiu falta: "Ah a gente sente falta, mas fazer o quê. Todos casaram para construir família, daí já tem os netos...". Já seu pai afirma: "Eu, se os filhos tão bem, a gente fica bem também... e tão sempre por perto da gente". E Aline complementa: "É, não dá pra sentir falta, não dá tempo" (risos).

Em sua família de origem, além dos pais, possui um relacionamento próximo com seu quinto irmão, o qual é casado, tem dois filhos, reside na mesma cidade e Aline e Davi são padrinhos do primeiro filho do casal. Aline acredita que essa proximidade seja em função das

crianças. Possui proximidade com alguns tios, porém com outros mantém um contato distante. Considera relacionar-se bem com todos os familiares, sem desentendimentos.

Síntese dos dados da EFE

Diagrama de como sentaram:



A entrevista foi realizada na casa de Aline e Davi. Ao chegar na casa do casal, aguardo Aline chamar os pais. Aline tentou ligar para seus irmãos que residem na mesma cidade, mas os mesmos não compareceram. Iniciamos a entrevista e percebo que seu pai não está se sentindo muito à vontade, sentando-se perto da porta, porém participa nas respostas às tarefas. A mãe mostra-se mais prestativa, mas submete-se mais ao que Hélio e Aline respondem.

Nessa família, possivelmente devido ao fato dos pais serem idosos, demonstraram, em quase todas as tarefas, certa dependência dos filhos: "A gente dá uma olhada para os filhos... Pede socorro! Os que tão mais perto tiveram que agüentar, apoiaram" (olhando para Aline); "É tem que ajudar eles, e a gente por perto" (Aline).

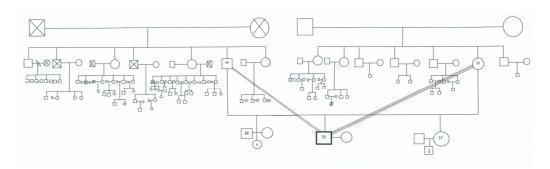
O casal demonstra interação satisfatória e, ao mesmo tempo, cada um tem sua individualidade. Hélio gosta de ir jogar canastra e freqüentar o grupo da terceira idade e Marli preza por ir à missa. Segundo Aline, as discussões que seus pais têm são em relação às discordâncias do casal em um acompanhar o outro naquilo que mais gostam: "Não, tem que ver quando um não quer ir, aí da briga. É que às vezes a mãe não quer ir na terceira idade, e assim também é com a missa. A mãe tem que ir sempre e o pai nem sempre quer". Marli complementa: "É que em primeiro lugar rezar, né?". Entretanto Hélio argumenta: "A convivência, nos bailes, participamos da Terceira Idade, e acho essa convivência muito boa. Isso é uma coisa boa que a gente deve ter, porque faz bem até pra saúde".

Para o casal, a família é a principal motivação e o que lhes traz felicidade, conforme Hélio afirma: "Eu acho que o fato de eu ter criado os filhos, sempre fiz o que tinha que fazer, fico realizado e satisfeito com isso". Marli concorda e reafirma: "Ah ele sempre ajudou, cuida da casa, lava a louça até que vou na missa. Eu também sempre acompanhei, ajudei ele na lavoura, assim como ele me ajudou em casa".

O convívio familiar é importante para o grupo, conforme expressam: "A gente tem uma convivência. Pra tá bom, tem que tá junto sempre. Os que moram pra fora, já não é tão fácil. Mas a gente se vê quando dá, se liga. É difícil o dia que não vem ninguém aqui, se não os filhos, são os netos e assim vai. Ah, se não vem já estranhamos" (Helio); "Sentimos falta, mas eles vem sempre. Pra mim, é o maior prazer estar todos juntos" (Marli). A família demonstrou afeto de forma restrita, cabendo a Aline abraçar os pais, sendo que o pai mantevese com os braços baixos e relaxados, não demonstrando corresponder efetivamente à manifestação da filha.

Família de Davi:

Genograma



Dados da família

Davi é o segundo filho de uma prole de três. Seus irmãos são casados. Possui um relacionamento próximo com sua família de origem, especialmente com sua mãe, que, segundo Davi, vive para os filhos: "Ela é bem preocupada com o bem dos filhos, é bem

apegada aos filhos, quer segurar os filhos sempre junto dela. Por ela, nós morávamos todos lá com ela sempre". Com os demais membros da família, como tios e primos, não mantém muito contato. Davi se considera parecido com seu primo, filho do seu padrinho, que reside em São Paulo, pois são extrovertidos, brincalhões. Ao mesmo tempo, acha sua personalidade parecida com a do seu pai, no sentido de ser "pavio curto", ter um gênio forte. Porém, considera-se mais calmo, menos impositivo que o pai. Seus pais são casados há 37 anos, tendo como padrão: "o pai é quem manda e a mãe é submissa a ele". Em função desse jeito do pai, argumenta não gostar de algumas coisas que observa no casamento deles:

"Uma coisa que eu não acho muito boa é que o pai gosta de ir nos lugar e, se a mãe não gosta de ir, ele não faz muita força pra ela ir, vai sozinho. Eu já prefiro fazer alguma coisa junto do que um ficar em casa e o outro sair. A não ser que seja um evento que eu tenho que trabalhar".

Por outro lado, Davi tem uma visão positiva do casamento dos pais, pois transmitem a impressão de que nunca têm problemas. Segundo Davi, dificilmente surge algum conflito:

"Lá em casa, a mãe é bem dependente do pai e é bem preocupada com o bem dos filhos. Pra ela, tudo está bom sempre, nunca vi ela de mau humor. É bem apegada aos filhos. Na convivência, acho que eles não tem muito problema. Eles não vão discutir na nossa frente se tem um problema, vão discutir depois, então a gente nunca viu. Essa é uma coisa que eu acho legal. Que dá a impressão de que nunca tem problema. Aí eu e a Aline, ah eu cuido! É que acontece exemplos que tu acaba pegando pra ti".

Para a família de Davi, o fato dos filhos saírem de casa não foi algo difícil de lidar. Afirmam: "Não foi tão difícil e, pra mim, foi tão natural assim que... Foi bem tranqüilo" (Carina); "Com o Davi já foi bem automático, porque já chamavam ele de Davi Silva (sobrenome da esposa), não era mais Davi Santos" (Roberto); "É foi tranqüilo, mais eu acho que por a gente tá sempre por perto" (Davi).

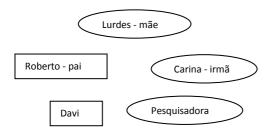
Ao questionar o casal sobre a visão que tem do seu casamento, apenas Roberto responde, reportando muito a visão de seus pais:

Nós casamos em 72, fazem 38 anos, de revolução, né? Meu pai dizia dele e da mãe, "60 anos de revolução". Meus pais encrencavam, discutiam e brigavam, mas tavam sempre junto... É tempo! Meu pai dizia que casamento pra dar certo, um tem que ceder. O mais forte cede, tipo numa briga, o mais forte é aquele que consegue se controlar. Nós, até se tiver alguma encrenca, vamos se acertar depois".

Davi cresceu morando no interior, próximo aos avós paternos. Desse casamento, lembra: "A vó tinha uma personalidade forte, autoritária, braba, difícil de lidar. Já o vô era paciente, tudo estava bom, tipo a mãe assim".

Síntese dos dados da EFE:

Diagrama de como sentaram:



*Irmão Ivan não compareceu, pois mora em outra cidade.

A entrevista foi realizada na casa dos pais de Davi. Ao chegar na casa, encontro Davi chegando na mesma hora. Fui recepcionada pelo pai de Davi e escuto sua mãe em função do neto (filho de Carina). Até que ela e Carina comparecessem na sala, o pai me mostra os quadros na parede com a foto da família e diz: "Aqui que tá a família toda reunida! É essa a minha família! E aqui nesses dois (quadros) são meus netos". Os quadros estão expostos bem na entrada da sala. Foi um pouco difícil iniciar a entrevista, pois a avó não largava o neto.

Durante a entrevista, predominou um clima aparentemente harmonioso. Entretanto, o pai demonstra-se como um líder autocrático, decidindo pelo grupo, e a esposa mostra-se totalmente submissa e dependente. Isso se evidenciou, pois o pai foi sempre a primeira pessoa a responder as tarefas e, em muitos momentos, ignorava a contribuição da esposa e seguia com seu raciocínio. Em algumas vezes, estávamos finalizando a tarefa e Lurdes não havia colocado seu ponto de vista. Então, questionava novamente e, mesmo assim, havia intromissão de Roberto. Como se pode perceber na tarefa 3, sobre o que mais gostam em si: "Pois é... O que eu vou dizer de mim?" (Lurdes). "Cabelo" (Risos) (Roberto). Roberto comenta outros assuntos sobre um grupo que freqüentam da terceira idade, mais adiante

concluo o comentário de Roberto e questiono Lurdes novamente: "Que legal, deve ser divertido mesmo. E aí, Dona Lurdes?" (pesquisadora). "Eu acho que isso de se relacionar. E também gosto de ajudar quando os netos vem aí. Até que a gente tem saúde pra ajudar, daqui uns dias vem mais um daquele lá (aponta para Davi). Só que o Davi mora do lado da sogra, daí ele não vai vir muito aqui". Carina completa: "Daí a Sra. vai lá". E Lurdes insiste: "Ela vai querer ficar lá". Davi conclui: "Por isso que eu não faço filho".

Demonstram ajuda mútua e certa dependência para fazer as coisas, especialmente Lurdes que está sempre buscando estar próxima dos filhos, como expõe na tarefa 1: "*Pra mim não teria problema em se mudar, ainda mais se não fosse sozinha, levando eles junto* (filhos), daí eu ia adorar". Sendo assim, a família mantém um relacionamento próximo e, sempre que possível, se reúnem, conforme as palavras de Roberto: "*Geralmente reúne o povo, isso é normal*". Quando não é possível a reunião, demonstram certo descontentamento, levando a pensar que a vida do casal existe especialmente em função dos filhos.

Na tarefa 5, sobre a manifestação da agressividade, Roberto lembra a infância: "Se era com a minha mãe, já pá, no ouvido, já gravateava"; "Agora é tunda" (Lurdes); "Ah, quando eu era criança era assim, e eu não podia fazer nada, mas agora eu ia me defender" (Carina).

Na tarefa 6, as regras familiares não permitem o contato físico como manifestação de afeto. Davi e seus pais não conseguiram realizar a tarefa e apenas Carina, apesar da demora, deu um beijo em Davi e justificou: "Pra não escolher entre o pai e a mãe, eu escolhi o Davi". A afeição física é ausente, evidenciada pelas respostas a seguir: "Eu sempre tive muita dificuldade disso aí, eu fui criado muito ruim sabe. Eu apanhava da minha mãe todo dia. É que minha mãe era agressiva e nós viemos de uma criação, que beijo e abraço não se dava" (Roberto); "Nós também era assim, não demonstrava com beijo e abraço que gosta, então é diferente. Tem gente que é criada toda melosa, beija quando sai e nós se abraçava só no dia

dos pais, aniversário" (Lurdes); "Ah eu acho que por saber que a nossa família não é dessas coisa de abraço e beijo, que não precisa demonstrar desse jeito" (Davi).

Relacionamento com a família de origem nos anos iniciais do casamento:

Davi e Aline possuem bastante contato com seus pais: "almoçamos lá uma ou duas vezes por semana, mas por ela (mãe de Davi) nós ia todos os dias. E nos outros dias almoçamos na mãe da Aline, que a gente mora ali nos fundos, né?" (Davi). Com os pais de Aline, possuem contato diariamente, pois Aline procura sempre estar por perto, caso precisem da sua ajuda: "Mais nós vamos ali na mãe. O Davi, muito pouquinho, mas de vez em quando ele vai. E quando eles vem aqui... é difícil quando eles vem, vem só um pouquinho".

Os principais relacionamentos que o casal possui, são com pessoas da própria família, não estendendo muito os vínculos de amizades fora do contexto familiar. De acordo com Davi: "Se a gente sai ou faz alguma coisa é mais com os da família". Para Aline:

"É que amigo, pra convidar a gente pra sair, ou fazer uma janta aqui em casa, a gente não tem sabe, sair, descontrair, conversar a gente não tem. Sempre eu e ele, eu e ele, eu e ele, eu e ele. Por mim, eu até gostaria, mas sei lá, eu não sei esse lado dele o que ele pensa. Que nem no começo do nosso namoro eu era bem mais extrovertida, coisa e tal e depois, ele foi gostando de ficar em casa e... daí a gente acaba até mudando".

Por esse motivo, de terem um forte contato com suas famílias de origem, alegam não sentirem muito a saída da casa dos pais, porém Aline afirma:

"Ah, foi normal assim, mas eu sempre tinha que dar uma passadinha. E, se algum dia eu não passava, a mãe já cobrava, parece que a mãe tem que me olhar, 'te vi agora!'. Eu acho que seria mais difícil se fosse mais longe, mas aqui pertinho, não".

Tanto os pais de Davi como os pais de Aline demonstram o desejo dos filhos estarem sempre por perto. Após a saída da casa dos pais, o casal continua mantendo certa intimidade com seus pais, considerando a casa deles ainda como sua. No caso de Davi, seu pai menciona:

"Desde o tempo em que eles eram solteiros e que eles começaram a trabalhar eu sempre disse: 'oh, se faltar dinheiro..., eu to aí né!'. Entende? Então eles nunca tiveram grandes problemas. E depois que casaram se precisar de mim eu to aí né. Se eu for útil em alguma coisa eu vou ser sempre. Agora, se não precisar, melhor ainda. Eu torço pra que eles não precisem de mim, agora, se eles precisar, eu vou estar aí sempre, como sempre estive, eles sabem disso".

Assim como para a mãe de Davi: "O que a gente tem é deles, né? Nós estamos cuidando das coisas deles, a herança". Roberto complementa: "Aqui é tudo nosso! Eu dou a chave da casa pra cada um. O que precisarem tá aqui, eu não tenho problema com isso".

Análise do Caso 2:

Davi e Aline possuem uma história conjugal permeada por característica das vivências em suas famílias de origem. A decisão pela união estável ocorreu após um longo período de namoro e não foi oficializada. Denota-se, por parte do casal, especialmente Aline, certa dificuldade em se distanciar das famílias de origem. Na tentativa de criar independência conjugal, ao decidirem alugar um apartamento para morarem, o casal permanece pouco tempo e resolvem mudar para os fundos da casa dos pais de Aline, pois a mesma sente-se na obrigação de estar perto dos pais. Ao mesmo tempo, Davi precisa constantemente estar atendendo às demandas de sua mãe, que apresenta grandes dificuldades em se distanciar dos filhos e que ia "adorar" se pudesse levar os filhos sempre junto dela. O ideal seria que os cônjuges tivessem vivenciado um processo de separação-individuação satisfatório em relação às suas famílias de origem, sem renunciar os laços, mas tendo autonomia para assumir suas decisões e escolhas (Borghetti, Lech & Martins, 2001). Dessa forma, esse processo favoreceria com que a família pudesse apoiar, compartilhar e celebrar as mudanças inerentes a etapa do ciclo vital do casal, o que parece não acontecer em muitos momentos.

A motivação inicial de Davi em relacionar-se com Aline foi pela aparência. Com o tempo, passou a ver as qualidades, entre elas, o fato de gostarem das mesmas coisas. Essas motivações vêm demonstrar, implicitamente, a relevância que as experiências vivenciadas na família de origem tem sobre a escolha conjugal. Nesse caso, o fato de "gostarem das mesmas coisas" e realizá-las junto enquanto casal (procuram fazer sempre as coisas junto, como ir ao mercado, no curso de inglês, lazer) poderia ser uma tentativa de resolver o que Davi julga não gostar do relacionamento de seus pais? Aline interessou-se por Davi ser extrovertido e ao

mesmo tempo responsável. As motivações na escolha do cônjuge refletem as necessidades de cada um. Imbuída da demanda por tornar-se responsável pelo cuidado dos pais, Aline elege um parceiro envolvido com a família e responsável. Ela considera-se responsável pelo cuidado com os pais que estão em idade avançada, emocionando-se ao falar sobre o sentimento de dívida para com eles. Na constituição do casal, as demandas e carências são transferidas ao parceiro, que também traz na bagagem suas próprias necessidades e anseios (Andreassa, 2008).

É percebível como Davi e Aline repetem os padrões de relacionamento de suas famílias. Davi procura evitar discussões com Aline, pois considera uma característica positiva do relacionamento de seus pais nunca ter presenciado uma discussão, "aparentando ser um casal sem problemas". Assim como Aline admira a confiança que seus pais têm na relação e como respeitam a individualidade de cada um. Esse é um dos pontos que ela tenta seguir em seu casamento, mas entra em atrito com Davi, pois o considera muito ciumento, impedindo-a Aline de realizar seus desejos, como por exemplo, conviver mais com as amigas. Nesse sentido, Aline afirma que no início do relacionamento era mais "extrovertida" e depois acabou tendo que se limitar em função do jeito de ser de Davi, confirmando a tendência de repetição dos papéis de gênero, ele sendo mais "pavio curto, o pai é que manda" e ela mais submissa. Percebe-se também que o casal, muito em função do ciúme de Davi, segundo Aline, mantém-se restrito ao contato com a família de origem, promovendo uma fronteira rígida com o ambiente exterior, o que acaba favorecendo certo emaranhamento do núcleo familiar. As experiências vividas nas famílias de origem são, invariavelmente, integrantes no processo transgeracional, sendo por motivações conscientes ou inconscientes, pela assimilação dos modelos parentais ou pela repetição de padrões comportamentais aprendidos. A observação que as pessoas fazem do casamento de seus pais, passa a ser considerado o modelo de vínculo conjugal que elas tomam como base em seus relacionamentos amorosos (Zordan, Falcke & Wagner 2005, Wagner & Falcke, 2001).

Pode-se pensar que Davi e Aline provêm de núcleos familiares com características semelhantes, nos quais os pais privilegiam a função parental em detrimento da função conjugal. No núcleo familiar de Davi, a ausência conjugal é mais evidente, em função da dedicação exclusiva aos filhos, principalmente pela mãe. Na família de Aline, é mais visível a interação conjugal "eu tenho tu e tu tem eu" e os interesses individuais e compartilhados entre os parceiros (missa, canastra, atividades da terceira idade), porém é notório a dificuldade em permitir o crescimento dos filhos, ao mostrarem-se extremamente dependentes deles.

Os anos iniciais do casamento costumam ser a oportunidade para que o casal revise as experiências com os núcleos originais e construa a sua identidade. Porém, Aline e Davi ainda demonstram estarem muito vinculados às famílias de origem. Sendo assim, o desafio da relação conjugal não é somente buscar a revivência de suas relações passadas, mas aceitar que o outro também tem uma história construída a ser compartilhada. A construção do laço conjugal implica em reconhecer as limitações de cada um dos cônjuges e dependendo da forma como isto ocorre, eles podem restringir e empobrecer a vida a dois. Por outro lado, o reconhecimento da limitação permite abrir caminho para o criar, promovendo maior profundidade no relacionamento e revigorando cada um dos parceiros individualmente, na medida em que o relacionamento atual abre uma nova perspectiva de interpretação dos relacionamentos anteriores, inclusive aqueles vivenciados na família de origem (Silveira, 2007).

CASAL 3 – Luana e Eduardo.

Dados da história do casal:

O casal se conheceu há sete anos, durante a faculdade. Inicialmente, foram grandes amigos, estudavam juntos e freqüentavam as mesmas festas. Por serem amigos, Eduardo começou a freqüentar a casa de Luana, sendo bem acolhido pelos pais dela. Gostava de tomar chimarrão e conversar com eles, percebendo que era uma família unida, com pais presentes e que demonstravam cuidado com Luana. Com isso, Eduardo começou a gostar de Luana:

"Uma família que eu via que era uma família realmente, que era unida, que tinha pai, tinha mãe, que ficavam em cima, não deixavam sair, que controlavam os horários. E isso é uma coisa que me fez gostar mais, que tu já sabe que era uma moça que não saía muito, ou, quando saia, os pais buscavam. Essas coisas eu acho bom".

Nesse período, Luana gostava de ir a festas, mas seus pais não permitiam ir sozinha. Foi então que decidiu ficar com Eduardo, para poder freqüentar as festas, conforme afirma:

"Na verdade, nós começamos a ficar, porque eu tava de castigo, daí eu não podia sair de casa, daí eu comecei ficar com ele pra poder sair, né? O nosso começo foi assim, porque ele ficava com as minhas amigas e eu com os amigos dele e aí como eu tava de castigo eu comecei a sair com ele, porque era a única pessoa que eu podia sair de casa. Eu não podia sair com ninguém mais, só com ele que a minha mãe deixava".

Após algum tempo, começou a gostar dele. Permaneceram só "ficando" durante um ano e meio e apenas a família de Luana sabia. A convivência foi ficando cada vez mais próxima, freqüentavam os mesmos lugares, tinham afinidade em suas idéias e gostos que, como explica Eduardo, sobre os motivos que levaram a namorar com Luana: "Não sei se é por causa da mesma área que a gente trabalha, mas eu acho que o jeito dela, a convivência, fechava com a minha, as idéias fechavam, gostava das mesmas coisas".

Foi então que decidiram assumir o namoro e apresentar Luana aos pais de Lucas, já que os mesmos estavam cobrando. Luana argumenta sobre a decisão do namoro:

"Eu já tava... imagina com 20 anos, e a gente já tava enrolando, enrolando e os pais dele já queriam me conhecer e daí já queriam que a gente noivasse, aí eles não me conheciam. Que nem nós noivamos e casamos logo por causa da família dele, porque nós não tinhamos planos de levar tão a sério, sabe, tão adiante. Porque primeiro nós queria se formar na faculdade e depois pensar em casamento".

Eduardo ressaltou também, a necessidade de assumir um compromisso mais sério, pelo envolvimento com as famílias de origem do outro, onde criaram um apego. Da mesma forma que Eduardo, Luana garante que foi muito bem recebida pela família dele:

"Nossa, me receberam bem, vi todas as fotos e tiraram foto de mim, fizeram janta e fiquei a noite inteira lá. Isso faz 7 anos já e o Diogo (irmão de Eduardo) não gostou de mim, quando me viu, porque eu era negra, ai que horror! (risos). É que já tinham falado que eu era negra, tinha o cabelo enrolado, usava óculos, era preta, preta, o pessoal fofoqueiro, né? E o Edu também ficava brincando, assustando eles dizendo que eu era negra, antes de eles me conhecerem, né?".

Namoraram dois anos e, segundo Eduardo, como um gostava do outro, decidiram noivar, mas também teve a exigência da família: "É o noivado, mas acho que por causa da minha família lá. Negócio da Igreja né, de assumir, daí tem o noivado e depois o casamento". Na opinião de Luana, também foi mais pelo desejo da família de Eduardo, devido aos costumes: "É tem que fazer tudo bem certinho, o noivado para depois casar. É bem diferente a cidade da colônia, né? Lá tem esses costumes e tem que fazer". O que desagrada Luana com relação ao Eduardo e sua família é a relação com a bebida:

"O que eu acho que o Edu tem do pai dele é isso da bebida, porque o resto ele tá melhor. Essas coisas a gente muda com o tempo, porque é difícil duas pessoas com organizações bem diferentes se adaptarem, mas só essa coisa da bebida que já faz 4 anos que a gente tá sofrendo. Até no meu noivado, na sexta feira, véspera do meu noivado ele saiu lá de casa e eu vi que ele subiu pro centro e ele morava pra baixo. Aí eu fiquei cuidado e depois ele voltou com as luzes do carro apagadas pra mim não ver. Daí eu nem ia noivar. Só noivei por causa dos meus pais e porque tava tudo pronto. Depois daquele dia que eu fui perceber o que tava acontecendo. Talvez eu também tenha errado de não ter cobrado antes. Sabe, daí aconteceu um monte de vez isso de ele sair do jogo e ir beber e me mentir e eu passava nos bares e via ele lá bebendo, mas agora acho que ele vai endireitar. A minha mãe disse que ele é alcoólatra. Eu acho que não, o problema é que ele pega logo, não precisa beber muito para ficar bêbado. Então é complicado. Pena que eu não vi isso antes" (risos).

Após três anos de noivado, realizaram o casamento. Luana afirma que faria tudo diferente, mas pela família de Eduardo, realizaram um casamento grande e farto na comunidade deles, com a presença de todos os familiares e amigos. Eduardo comenta:

"Os meus pais não chegaram a cobrar, mas eles comentavam. Imagina, isso que eles nem sonhavam que nós dormia junto. Eles são um pouco diferentes. Bom, eu e a Luana ia lá pra casa e nós dormia separado, eu com o meu irmão e ela com a minha irmã (risos). Mas o casamento, acho que a gente também queria, né amor?".

Luana complementa: "É queria, mas o jeito que foi, acho que foi mais opção dos pais, porque por nós não seria tão grande". Após o casamento, o casal afirma estar vivendo um relacionamento conturbado. Acreditam que, depois que passaram a conviver junto, começaram a perceber as diferenças. De acordo com Luana: "Ah eu acho que foi… tá sendo bem conturbado, né? Eu acho que depois que tu passa a conviver junto com a pessoa, tudo muda, do namoro pro noivado, do noivado pro casamento mudou". Eduardo concorda que estão passando por um momento difícil. Na opinião dele:

"Na verdade a gente tá bem complicado, agora melhorou até, de um mês pra cá tá bom. Mas já tava muito tumultuado, meu Deus! Eu não sei se não foi essa vinda dos pais da Luana, mas era muito complicado de lidar, sabe assim ó, eu já não tinha nem mais vontade de ir pra casa, porque tu sabia que ia discutir, brigar sabe. A Luana só ficava em casa, ela não trabalhava, aí ficava preocupada achando que eu ia tá... sabe, eu voltava 10 minutos mais tarde, Deus me livre, dava briga. Antes tu fazia o que tu queria, aí aos poucos tu tem que começa se privar de tudo. As amizades também, tu começa deixa de lado, né, todas essas partes muda bastante, e depois do casamento mais ainda".

Nesse sentido Luana argumenta seu ponto de vista:

"Acho que tu assume uma responsabilidade, tem que ter um respeito diferente entre casal. E depois do casamento que a gente foi conviver mesmo junto, daí... nem se fala, daí totalmente o costume diferente um do outro. É totalmente diferente o jeito que eu fui criada e ele foi... E depois com a tempo a gente foi se adaptando. Só que desses primeiros anos até agora tem muita diferença, que nem eu te falei, eu queria fazer festa e gastar dinheiro, só que agora eu tenho outro pensamento e a gente não bate muito nisso, né? Porque ele, ele não pensa... não é que talvez ele não pensa, às vezes ele pensa, mas eu penso de uma maneira diferente. Eu já penso em economizar, pra ter filhos, pra ti construir uma família junto e ele já não pensa nessa parte de economizar. Ele gosta mais de sair, daí isso que a gente entra em conflito e daí essa parte da bebida né, que daí era muito gasto e... hoje ele me cobra que no começo eu bebia junto e nós fazia festa junto e hoje ele não pode mais beber tanto que nem ele bebia antes, só que eu, pra mim, é diferente e ele diz que não é diferente, mas pra mim é diferente. Ele já não acha, talvez até pelo sistema deles lá, de sair em festa, enche a cara e as mulheres aceitarem, e eu já não acho certo isso. Eu já não deixo, porque o sair dele é com os amigos dele que são todos chinero, um pior que o outro, eu conheço os amigos dele. E por mais que tu confie na pessoa, tu não confia em quem vai junto, né? O jeito que eles tratam as mulher lá fora, eu pra mim eles não gostam... sabe são estúpidos, de encherem a cara, de não tarem nem aí pra elas, deixam elas sozinhas num canto. Eu já acho que isso... que nem aquela história do MSN que eu li as conversa dele com os amigos dele, daí tu já imagina o que pode influenciar".

Segundo o casal, um dos motivos desses conflitos é que foram criados por suas famílias com hábitos e costumes totalmente distintos e não estão conseguindo lidar com

tamanha singularidade, conforme palavras de Eduardo: "Tá sendo bem complicado pra nós lidar né... Pra nós sentar e conversar é difícil... nós conseguir conversar... A gente, às vezes, acaba discutindo por coisinhas que não precisa né, eu acho, tem coisas que nem tem motivo" (risos). Acreditam que dentro do relacionamento devem melhorar a questão do diálogo, conforme Luana explica:

"Eu acho que o dialogo, né? Aceitar o que o outro fala... e também, às vezes, é por falta de tempo. Mas a maioria das vezes que brigamos é porque a gente não consegue entrar num acordo. Que uma hora eu aceito daí ele não aceita, se ele aceita daí eu acho que não. Mas eu acho que na verdade tudo vai se encaminhando".

Porém, em alguns momentos, Eduardo afirma que procura conversar, mas é difícil em função do jeito de Luana de nunca aceitar seus erros:

"Tem coisas que não tem muito como resolver, porque aí tu vai começar puxar coisas, aí tu discute. Então eu deixo, aí volta e meia eu tento conversar, aí a gente vai, devagarzinho a gente se acerta, né, mas não chega a resolver o problema né. Porque essas discussões que eu acho que não precisa né. Então não sei, tem uma coisa bem diferente assim da Luana. Eu acho que o modo de resolver as coisas sabe, de admitir que ta errado, de ver não, realmente eu que tô errado. E isso é muito difícil da parte dela, acho que nesses 7, 8 anos eu não lembro de ela me pedir desculpa de alguma coisa e dizer que tava errada. Acho que essa parte de quando bota uma coisa na cabeça e não tem jeito, então... acho que é isso assim. E aí assim eu de uns tempos pra cá eu também to começando a ficar mais teimoso sabe, encasquetar mais com as coisas. Eu relevava bem mais e hoje não fico mais quieto. Daí começa a piorar as coisar, é que tu tenta de um jeito não dá certo, tenta do outro, não dá certo, daí tudo que a gente faz tá errado, então que exploda né (risos) então fica meio complicado".

Durante a entrevista, Eduardo continua expressando a importância de conversar para tentar amenizar a dificuldade que está encontrando no casamento:

"Acho que pra tudo isso é só sentar e conversar, ninguém é bicho do mato que não sabe como é que são as coisas, que não pode lidar um com o outro. 'Ah, vamos se separar não sei o que...', mas pra quê, qual é o problema? Eu não tenho outra pessoa, não tô saindo de noite. Outra coisa que eu vejo muito claro assim ó, quando ela tá com a mãe dela e com o pai dela, é uma maravilha nosso casamento. Foi uns 14 dias assim, fantástico, não tem dias melhor, tá louco! Depois ela começa, não sei se é saudade. Quando ela tava aqui, que morava com mãe dela, ela não falava com a mãe dela, dois anos sem se falarem, coisa que pra mim não existe. Eu não consigo ficar brigado com uma pessoa mais de um dia na minha família. Meu pai me matava se eu ficava sem falar com meu irmão. Então acho que é da família dela, também, essas coisas. Mas pra mim sabe, eu não consigo ficar assim, eu fico apreensivo, sabe, nós dois convivendo no mesmo lugar, sem se falar, sem se conversar, bah, tá louco! Então agora que tão longe, tão se dando bem melhor. Quando eles foram embora ela tava bem tranqüila, mas vai passando o tempo e não sei, ela vai ficando... acho que é

saudade deles, não sei. E não tem motivo, imagina os meus amigos que passam a tarde bebendo, se sou eu chego em casa e daí tô morto!" (risos).

Em função desses desentendimentos com Luana, Eduardo garante que tem evitado beber: "Ah procuro me controlar bastante. Porque assim, aí nós vamos numa janta, aí se tu toma uns dois copos de cerveja, aí ela já começa olhar meio assim, porque aí tu tem que parar, porque aí tu briga ou tu pára, aí tu pára, né?" Para Luana essa questão da bebida é o aspecto mais importante que atrapalha o relacionamento com Eduardo:

"É que eu tenho medo por causa da família dele, pelo que já tem por causa da bebida, os tios dele bebem, o pai dele bebe praticamente todos os dias. Eu tenho medo, porque geralmente isso é de família né, isso do alcoolismo. E ele tava de mais, eu acho. Teve um tempo que a gente teve uma crise bem feia. Ele fez horrores, sabe, de encher a cara, não parava de pé, que eu comecei a ficar com medo, a gente quase se separou".

Eduardo relata também ter algumas dificuldades em lidar com Luana, pensa que poderiam sair mais para se divertir, conforme segue suas palavras:

"É difícil a gente sair sabe, eu acho até que a gente deveria sair mais. Mas a Luana tem... uma preocupação dela assim, com relação a eu tomar uma cerveja sabe, acha que eu tomo demais, que não precisava tomar, ela tem um medo assim, por causa da família deles que tinha problema com essas coisas, né? Mas eu acho que a gente poderia sair mais, conviver com outros casais, pra ver como que é também. Sabe, eu acho estranho, ela mudou de uns tempo pra cá. Porque nós saia sempre junto, meu!".

Devido a tantas diferenças, cada um aponta seus pais como modelo de relacionamento a seguir. Isso ficou mais claro principalmente no caso de Luana: "Ah, eu não sei, talvez eu esteja errada, mas pra mim seria o meu pai e a minha mãe, claro...". E, de imediato, Eduardo interrompe: "Eu já não concordo!". E Luana continua:

"Apesar que todo mundo tem defeito, que nem meu pai é muito teimoso, minha mãe é muito exigente, leva meu pai assim, oh, só que eu acho eles... deu tudo certo pra eles sabe, sempre se acertaram bem, apesar que todo casal tem briga, mas sempre foi assim, os dois se cuidam, os dois saem junto, os dois se curtem. Tudo que meu pai faz é em função da minha mãe e a minha mãe em função do meu pai".

Segundo Eduardo, ele também considera seus pais, conforme ressalta:

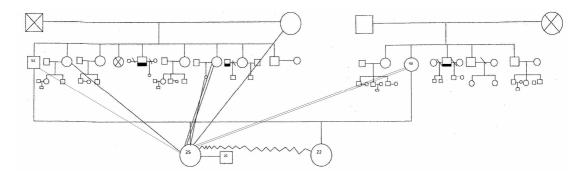
"Se tu analisar, eu também acho meus pais. Entende, não adianta, a gente sempre vai puxar para o seu lado, né? Mas eu não tenho assim, eu já não vejo os pais dela como um modelo. Eu não vejo um casal assim perfeito que tem que seguir, eu acho que cada um tem seus defeitos. Eu acho que tu tem que se acostumar com a outra pessoa, os dois tem que entrar num consenso e ver que se a Luana gosta de umas coisas e eu

gosto de outras, eu tenho que respeitar as coisas que ela gosta e ela respeitar as minhas. E tentar chegar num consenso, nós dois, eu acho. A opinião minha é essa, que nunca eu vou consegui fazer dela o jeito que eu acho que tinha que ser, não vou conseguir mudar ela e como eu acho que ela também não vai conseguir me mudar".

Nesse sentido, Luana completa que podem ir se adaptando com os sistemas diferentes: "Ah, mas eu acho que dá pra se adaptar um pouquinho assim". Eduardo apóia a idéia de Luana: "Claro, com certeza".

Família de Luana:

Genograma



Dados da família

Luana é a filha mais velha e possui uma irmã. Há aproximadamente dois anos seus pais e sua irmã mudaram de cidade. Estão residindo em outro estado, há cerca de 800 km de distância. Luana e Eduardo permaneceram residindo na casa dos pais de Luana. Esta mudança provocou situações diversas. O relacionamento de Luana com seus pais e irmã melhorou, no sentido de dar mais valor aos pais agora que está longe, mas ao mesmo tempo vem sofrendo muito com a separação e pela distância que está da família. De acordo com Luana:

"O meu relacionamento com os meus pais... mudou, nossa! Não é que a gente não se acertava, é que eu era meia revoltadinha, sabe? Mas, depois que eles foram embora, eu sinto falta, né? Hoje, eu me arrependo de algumas coisas que eu fiz, de não ter ficado mais com eles... mas agora não adianta. Mas agora quando a gente tá junto, meu Deus, é um grude. Daí o Edu fica fazendo almoço, vai no mercado..." (risos).

Afirma sentir-se sozinha depois que os pais foram morar distante:

"Eu sou um pouquinho nervosa, acho que eu fiquei mais assim quando meus pais foram embora, que eu tô assim. Pela falta a gente não tem com que conversar, tá sempre sozinha, todo final de semana é sempre a mesma coisa, aí desmotiva. E assim... o jeito do Edu é totalmente diferente do meu. Desde a alimentação, limpeza da casa sabe, tudo, tudo é diferente. Tudo, tudo, tudo sabe, desde... nem dá pra se dizer que é... sabe tudo. Daí desde que eles foram embora foi complicado e tá sendo muito complicado pra mim".

Mesmo sem a companhia do esposo, em vários momentos Luana pensou em ir embora com seus pais. Afirma que já estava certo que iria, mas como no último mês conseguiu um emprego novo, decidiu adiar sua decisão. Quanto aos conflitos no relacionamento com o esposo, os pais procuram não influenciar nas decisões do casal, apenas apóiam para que ambos se conciliem a fim de conviverem de maneira mais harmoniosa, conforme expressa sua mãe: "Eu sempre digo assim, tem que procurar ajuda, se não tá bem tem que procurar ajuda. Ainda mais eles que tem cada vez mais oportunidade".

Ao mesmo tempo em que seu pai propõe:

"E tem mais uma, se ela tá com problemas com o marido dela, não somos nós que vamos incentivar ela que não dê certo. Não isso não, o que a gente pode fazer é aconselhar para os dois se acertar, mas não 'oh, abandona e vai embora'. Mesma coisa pra ele, não apóia nem um, nem outro. Os dois estão errados, os dois vão resolver o problema deles. A Luana sabe que é verdade! Se uma hora ela abandonar ele, não foi incentivo nosso, isso pode ter certeza".

Durante entrevista com sua família, relataram que, quando moravam todos juntos, tinham um relacionamento conflituoso, mas que está melhorando com o passar do tempo:

"A adolescência dela e da outra minha filha foi meio complicado, era um relacionamento bem complicado, mas depois, agora tá ficando cada vez mais às mil maravilhas. Depois do casamento, tá ficando cada vez melhor, a Luana ta cada vez mais mudada. Depois que a gente foi embora, não é que ela deu mais valor pra nós, é que quando tu perde tu dá mais valor, que nem eu pra ela".

E Luana afirma: "É mudei talvez assim, meu jeito de falar, meu relacionamento com as pessoas, mas eu acho assim que esse meu jeito de explodir, de ficar nervosa, estressada, é porque eu não tenho com quem conversar". Embora estejam a uma distância expressiva, mantém um contato diário com seus pais através da internet. Os mesmos acompanham o que está acontecendo na vida da filha e tentam lhe dar forças para superar a dificuldade:

"Eu não sei, não sei se é o bom que está acontecendo com nós, porque isso tá sendo... cada um deixa um recado, um depoimento toda noite, então eu não sei se não tinha

que se desligar um pouco, porque isso tá sendo complicado sabe. Eu to sofrendo bastante longe da Luana, mas a gente tem que entender que a vida é assim" (Noeli).

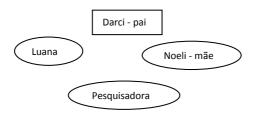
Além de sua família de origem, possui um relacionamento próximo com sua avó paterna e sua tia. Com os demais familiares da família paterna não possui muito contato. Luana diz que assemelha-se com o tio mais novo, de espírito jovem. Com seu avô materno mantém contato, indo visitá-lo regularmente. Com os demais familiares maternos, possui pouco contato. Evita contato com os tios devido ao alcoolismo.

Segundo Luana, o casamento de seus pais é um modelo para ela, admira a maneira de ambos se tratarem, seu pai respeita sua mãe, faz as coisas por ela, se curtem, tem o hábito de saírem juntos, mas ressalta que é tudo dentro do limite. Ao mesmo tempo em que reconhece que existem defeitos também, devido ao pai ser teimoso e a mãe exigente, conforme segue suas palavras:

"Eu admiro o jeito que meu pai e minha mãe convivem, minha mãe não faz nada que não envolva meu pai e meu pai também, tudo que ele faz envolve minha mãe. Então é isso, eu admiro muito o jeito que o meu pai e minha mãe se tratam e eu tento ser assim no meu casamento só que o Edu já é de uma família diferente. Nunca vi meu pai beber num bar sabe, é totalmente diferente. E eu tento fazer isso no meu casamento e é difícil. Lá no Edu, tem essa cosia de beber e dentro de casa da organização, meu pai é totalmente organizado e eles não são. Apesar que o Edu já mudou bastante, né? Essa parte de sair sozinho, o meu pai nunca foi de sair sozinho. O pai dele sai todo dia, fica no bar, a mãe dele acorda, faz todo o serviço sozinha, depois que o café e o chimarrão tão pronto ela acorda o pai do Edu e são coisas que eu acho totalmente errado".

Síntese dos dados da EFE:

Diagrama de como sentaram:



*Irmã Fernanda não compareceu, pois não reside na mesma cidade.

A entrevista foi realizada no consultório da pesquisadora, nos dias em que os pais de Luana estavam de passeio na cidade onde Luana e Eduardo moram. O casal chegou, juntamente com Luana, sentaram-se um ao lado do outro e aparentemente muito felizes. No entanto, já na primeira tarefa, demonstraram dificuldade em aceitar a situação atual de estarem longe, através de uma discordância em que o casal entrou e desviando o foco da tarefa. Noeli diz: "É, eu digo muito assim em pensar positivo que tu vai conseguir as coisas, de ir atrás. Decidir voltar atrás assim né, ter que...". E Darci a interrompe: "Não, não voltar atrás". Outro momento em que surgiu uma situação conflituosa foi na segunda tarefa, quando Luana e sua mãe responderam pelo pai, dizendo que ele não costuma pedir ajuda, por ser teimoso, o que o deixou chateado: "O pai não gostou que a gente falou dele" (Luana). Permaneceram em silêncio e Darci afirma: "Procuro fazer as coisas sozinho".

A família representa ser a coisa mais importante para o casal, sendo que Noeli afirma, na tarefa 3, que é feliz por ser uma boa mãe: "Acredito que fui uma boa mãe, né, então por isso eu sou feliz. Eu me vejo assim, gosto da minha maneira de levar as coisas a sério, honesta, né, batalhadora sempre". Assim como para Darci, em sua vida o que vale em primeiro lugar é a família: "Eu acho que a coisa mais legal é se dar bem em família. Isso em primeiro lugar, né? Primeiro lugar é a família, ser dar bem, conviver bem, depois..."

Para o casal, o comportamento dos filhos tem muito a ver com a forma de criação que herdaram. Quando Luana afirmou ser sincera e responsável: "Acho que a responsabilidade e sinceridade. Acho que o que tem para falar eu falo, não sou de falar pelas costas". Seu pai a interrompe e afirma: "É que a gente nunca foi de mandar recado pra ninguém, tipo que chamam de pavio curto (risos). Nas famílias, se for tudo direitinho com eles, eles vão seguir os mesmos caminhos que os pais. Não tem porque fugir, né, se foram bem criados...".

Desviando o foco da tarefa, aproveitam a oportunidade e entram na questão do conflito conjugal em que Luana e Eduardo estão passando, segundo as palavras de Darci:

"Cada um tem um sistema de criação diferente. Que nem o caso da Luana, ele é um cara honesto, um cara bom, trabalhador, só que criado num sistema muito diferente do que elas foram criadas por nós, né? Então se cada um não ceder um pouco de si, já não tão junto mais. Qualquer coisa já soltam os cachorros, não é por aí".

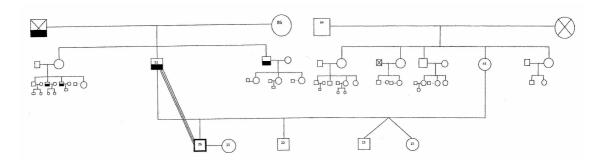
Na tarefa 4, expressam que sempre foram uma família unida, buscado estarem junto, de acordo com Noeli:

"Sempre foi assim... sempre com os filhos. A gente sempre procurava estar com eles, né? O que mais vou dizer... Eu saia muito com elas fazia um monte de coisas, parque, piscina, né filha, a gente sempre junto feriado, fim de semana a gente sempre tenta estar perto dela. E eu sou... fico mais feliz quando estou com elas".

Na tarefa 6, expressaram afeto entre eles, inicialmente Luana abraçou o pai e a mãe, após sua mãe abraçou seu pai e a abraçou e, por último, seu pai questiona: "Não pode ser duas de uma vez só?" (risos). E abraçou as duas ao mesmo tempo.

Família de Eduardo:

Genograma



Dados da família

Eduardo é o primeiro filho de uma prole de quatro. Ele foi criado na zona rural com hábitos e costumes distintos da cidade, onde os valores são transmitidos de geração em geração, seguindo os costumes das épocas passadas. A rotina sempre foi a mesma, como por exemplo, ir ao culto nos domingos que, para os pais de Eduardo, é uma obrigação, assim como relata sua mãe: "...isso era obrigação, a gente pegou de pequeno e depois foram seguindo, né, eles sabem. Até os 6 anos, eles participavam do coralzinho, nem perguntam assim 'mãe eu tenho que ir?' Isso não existe né, eles vão". E seu pai complementa: "Nós educamos bem eles, desde pequenos que nem de todos os domingos nós temos o culto e eles sabem que tem que ir lá. E isso eu cobro do Edu. Hoje, apesar que ele casou, cobro, né? Oh, gurizada!". Eduardo saiu da casa dos pais para estudar e logo casou, pois, para seus pais,

assim que se envolvesse seriamente com uma pessoa, teria que casar. Em função da cultura, valorizam o casamento como um compromisso.

Os relacionamentos mais próximos que Eduardo possui são com a sua família de origem. Com os demais familiares, se encontra nas festas da comunidade e de eventos da família. Regularmente visita os avós. Refere que a família possui um relacionamento harmonioso, sem desavenças. Como é muito apegado à família, seus pais sentiram muito sua falta quando saiu de casa, conforme relato de seu pai:

"Perdemos o chão! A minha idéia é de que eu particularmente não queria a vida que eu e a esposa estamos levando como agricultor, não queria para meus filhos, né? A gente sabe da dificuldade que a gente enfrenta aqui, como a gente começou. E vendo as pessoas que estudaram e que foram além, eu tô vendo que eles estão mais adiantados, não só pela questão financeira, mas com uma vida mais fácil, mais digna. Então, quando o Eduardo saiu, eu sei que uma parte da gente, do corpo, tanto dela, quanto da minha, a gente sabe que foi... a gente sentiu muito a falta dele, eu sei que mais uma peça minha se foi (se emociona)".

Para sua mãe, também não foi fácil, mas já havia se preparado para isso. Ao mesmo tempo em que incentiva os filhos a estudarem para saírem da colônia e terem uma vida mais digna na cidade, pelo que explica:

"Que pra nós não era fácil... Nenhuma noite a gente foi dormir, sem pensar... E daí foi... mas eu já não me preocupei tanto, porque a gente, desde pequeno, já educou e procurou ensinar que eles têm que caminhar com as próprias pernas um dia. Não adianta eu querer ter eles sempre, e nós não tinha terra pra dar pra eles, pra eles se sustentar. Então nós decidimos em dar estudo que isso nós conseguimos pagar e eles também tão aproveitando. A gente quer o melhor pra eles".

Considera a família materna como mais tranquila, calma, com comportamento mais reservado. Já a família paterna é expansiva, participa da comunidade. Conta que sua avó gosta de cantar, contar histórias. Por esses motivos, acha que possui mais semelhança com a família paterna, devido à facilidade de relacionamento, de lidar com as pessoas.

Seus pais estão casados há 27 anos e consideram importante que seus filhos sigam em suas vidas o respeito e o perdão, pois é com esses valores que procuram manter o casamento:

"O respeito um pelo outro, isso é uma coisa que tem que existir, senão o casamento não vai, o respeito, diz tudo. Dificuldades todos têm, nenhum casal pode dizer que não tem. Mas se tem o respeito, tem o perdão. E isso é uma coisa que vocês (filhos) tem que ver, nunca um pode dizer assim sim e outro não, tem que combinar e falar a mesma coisa e isso a gente sempre fez assim".

Milton prossegue: "Também o respeito, o perdão e o amor mútuo, né? E não pode existir também a traição". Sendo assim, Eduardo tem uma visão do casamento dos pais de uma convivência tranquila:

"Ah, vejo como um relacionamento tranqüilo, tanto que assim, eles têm uma facilidade de resolver os problemas, sempre os dois, né, resolvem junto. Os dois sentam, conversam. Se discutem? Discutem, de noite, no outro dia de manhã, acordam tudo tranqüilo. A mãe às vezes fala as coisas pro pai, mas muito difícil. O pai, às vezes, exagera até, quando discutem, na maioria das vezes é culpa do pai que a mãe é tranqüila, a mãe tá tudo bom, tenta sempre apaziguar as coisas... Pra ela não tem ruim, tá tudo bom, tranqüilo, e se tem problema, 'mas não é assim, tenta assim, tenta assado!' Então por isso que os dois se acertam né, porque se a mãe fosse contra o pai... ele ia iiiii... né. O pai vai é pra lavoura, daí o pai às vezes vai pra costa com parentes nosso lá né, eles vão no sábado, e a mãe arruma travesseiro e leva tudo lá, e carne e ovo e salame, e domingo de meio dia ela já sabe e faz sopa, faz carne que eles voltam de lá que tomaram bastante, daí ela faz coisa pra eles, daí eles vão todos lá, comem a sopa da mãe, depois vão embora. A mãe tranqüila, nem se estressa, sabe que o pai toma demais, mas nunca brigaram por causa disso. Essas coisas né que é difícil as outras mulheres fazerem".

Essa atitude da mãe de Eduardo, Luana considera bem diferente do que é acostumada e participa das colocações, concordando com a idéia de sua sogra ser desse jeito: "É que assim, ela é uma mulher que, não vou dizer subordinada ao homem, mas ela faz tudo em função do homem, né? E na cidade já é diferente. Acho que muda bastante a situação da minha família da situação da família dele". Nesse momento da entrevista, Eduardo refere algumas questões que considera importantes no casamento de seus pais e que gostaria de seguir no seu casamento e, antes mesmo de citar as questões, Luana o interrompe e diz: "Que não venha dizer que quer ser igual ao pai e à mãe dele, que o pai manda e a mãe faz (risos). Ai que horror!" (risos). Eduardo continua:

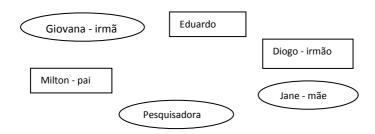
"Não acho que eles, eles tem bastante... essa coisa de... tipo antes do almoço, fazem uma oração, na janta também. Então essas coisas assim, eles conversam bastante... Tipo não tem isso de sentar na frente da TV e não conversar, não. Mas é uma conversa que a gente podia ter lá em casa, eu penso, que falta lá em casa, a gente expor as coisas, de falar".

Eduardo reconhece que alguns pontos deveriam melhorar no casamento de seus pais:

"Quem sabe por parte do pai, né? Ele ter um pouquinho mais de, como eu vou dizer, não me vem a palavra, de... atenção em relação a mãe, podia dar mais valor. Tanto que os meus parentes dizem que o pai acertou na loteria, sabe? Todo mundo vê a minha mãe como um exemplo de mulher, que todo mundo queria ter. Claro, ela não xinga, não reclama, então acho que é isso, que ele podia dar mais valor pra ela".

Síntese dos dados da EFE:

Diagrama de como sentaram:



* Irmão Tiago (T) não compareceu pois não reside na mesma cidade.

A entrevista foi realizada na casa dos pais de Eduardo e, logo no início, a família demonstrou muita interação, diversão e ajuda mútua, conforme a tarefa 1, onde respondem: "Vira festa! Todo mundo participaria da mudança, não só os daqui da família, mas os cunhados, até alguns vizinhos" (risos). Surge também a definição de papéis, conforme segue relato: "Nós já ia tá acompanhando o pai e a mãe trabalhando pra isso. Se não tivesse nada organizado, ainda tem um Eduardo que já tá organizado, tem a casa dele né, então vai lá morar com ele por um tempo até encontrar a casa que quiser" (Diogo).

A união em família é um fator essencial para o casal, tendo em vista que respondem a tarefa 3 enfatizando a importância do relacionamento da família para a felicidade dos membros. Segundo Milton: "A gente sempre tá unido, então acho que uma das virtudes que a gente tem e que faz a gente feliz né, no fim da história. Hoje, como pai, eu me orgulho de ter uma família assim né, então isso deixa a gente feliz". Segundo Jane:

"A gente faz tudo com carinho e eles recebem com carinho, eles sabem te valorizar. Que o Edu ou todos eles até podem pensar que o pai e a mãe podiam ser diferentes, mas eles entendem que nós não somos perfeitos, nenhum ser humano é perfeito.

Então, por isso, a gente sempre se entende e um entende o outro se um tá nervoso e vamos deixar quieto, porque isso também acontece, mas tem que saber respeitar".

Nos feriados e finais de semana, procuram estarem todos juntos. Jane relata:

"Esperamos o Edu vim e a Luana e pronto família reunida! No fim de semana daí a gente vai nos cultos, ou se eles não vem, daí nós vamos lá na casa deles... Mas a gente espera que venham e eu tenho que ligar pra saber, né? Às vezes, a gente acha que a gente cobra demais, mas não, é de coração, e se não dá, não dá. Mas geralmente o Eduardo liga: 'mãe, vocês vão tá em casa?'".

O grupo demonstra o afeto que sentem um pelo outro, sendo que, na tarefa 6, cada um representou um coração, ou com a mão no peito direcionando à todos. Apenas o pai que atirou um beijo para a esposa.

Relacionamento com a família de origem nos anos iniciais do casamento:

Luana e Eduardo mantêm contato com suas famílias de origem, principalmente com a família de Eduardo. No início do relacionamento do casal, a convivência era quase que exclusiva com a família de Luana. A partir do momento em que assumiram o namoro, passaram a conviver mais com a família de Eduardo, freqüentando a casa na colônia. Após o casamento, os pais de Luana mudaram de cidade e, pela distância que os impede de visitá-los com freqüência, continuam mantendo maior contato com os pais de Eduardo. Eduardo explica que o relacionamento com sua família após o casamento é tranqüilo:

"Pra mim é um relacionamento tranquilo. Eles gostam que a gente sempre esteja lá, adoram a Luana. Acho que gostam mais dela do que de mim, depois que casamos (risos) Toda minha família 'ah a Luana', até quando eu vou sozinho pra lá, meu Deus! Mas dificilmente eu vou sozinho porque parece que falta alguém".

Em relação à família de Eduardo, Luana afirma: "Ah eu imagina! Eu não tenho queixa assim". Ao dizer isso, Luana é contrariada por Eduardo: "Tu tem sim...". Luana explica:

"Não, eu só falo às vezes que o que eu acho errado é o jeito que o pai dele trata a mãe dele e essa coisa da bebida, só. Eu nunca me queixei dos pais dele, porque a mãe dele, ela faz mais do que a minha mãe faz pra mim, ela é maravilhosa. Só que eles são diferentes, tipo quando tem um almoço assim, as mulheres ficam na cozinha e os homens ficam lá fora. Aí, eu acho isso totalmente, eu disse pro Edu que eu não gosto disso, mas é o costume. Então nosso final de semana é sempre a mesma coisa... Mas acho que eu já acostumei um pouco. Sorte que a gente já vem embora".

Assim como Eduardo reconhece que na família de Luana sempre foi bem recebido e diz se sentir bem quando está na presença deles: "Acho que eu fui muito bem recebido sabe, muito bem acolhido assim, pelos pais dela. E eu gostava de ir lá, conversar com os pais dela. Foi por isso que eu casei" (risos). Luana, expressando felicidade em relação à colocação de Eduardo, relembra de um fato que aconteceu no início do namoro: "Ah, o relacionamento é bom, eles adoram o Edu e o Edu também adora eles. Lembro que logo que nós começamos namorar, ele foi jantar lá em casa, ele e a mãe tomaram um litro de vinho, conversando e eu deitei no sofá, dormi e depois foram me acordar" (risos). Atualmente, Luana lamenta não ter permanecido mais tempo junto de seus pais enquanto moravam na mesma cidade: "É, antes de nós casar, quando meus pais moravam aqui, nós ia quase todo final de semana pra lá. Era difícil de eu ficar em casa e eu me arrependo disso. Eu poderia ter ficado mais com eles.".

Com a família de Luana, a visita está restrita a aproximadamente três vezes ao ano, porém, segundo Luana, seus pais gostam muito de Eduardo: "O pai e a mãe também, adoram ele. Por isso que é complicado depois que tu começa com uma pessoa, né, porque tu acaba ficando da família". Acreditam que a família de origem de Luana interfere mais no relacionamento do que a família de Eduardo, mas não vêem isso como incomodo e sim como uma ajuda, especialmente da mãe de Luana. Eduardo afirma:

"Dos meus pais não, não tem muita influência, com certeza não, nem um pouco assim. Claro, tem as opiniões deles, mas nunca chegaram e disseram façam isso ou façam aquilo. Por parte da família da Luana é mais pela mãe da Luana até porque ela é diferente. Ela já conversa mais sobre o casamento, ela já tem mais interferência assim. Mas nada que atrapalhe".

Assim como explica Luana:

"A mãe conversa bastante com o Edu, porque eles vieram pra cá esses dias por causa minha e do Edu. Porque eu tava indo embora, só que daí eu arrumei emprego e acabei desistindo e aí eles vieram pra conversar, pra ver porque não ia dá pra continuar do jeito que nós tava de chegar o final de semana e nós só brigar. Durante a semana é uma maravilha sabe, mas chegava sábado já era aquela coisa, mas agora acho que vai.. mas assim eles sempre se deram bem com o Edu eles conversam com ele, ele aceita, e os pais dele já não fazem isso sabe, não sei se conversam com ele, mas comigo o pai e a mãe dele nunca chegaram e falaram comigo sobre isso. Eu que peguei a mãe dele uma vez e falei e ela concordou comigo. Claro, ela concordou, mas

se acontecer alguma coisa, com certeza ela vai apoiar ele. O problema é que todos eles são assim lá, os tios dele, e a mãe dele acaba aceitando, nossa aquela é uma amor de pessoa, é um anjo, coitada. E que também ela não tem o que fazer, uma vez ela me falou que ela não tinha muito o que fazer porque ela foi criada assim, e a mãe dela e o pai dela eram assim, trabalhavam e criavam os filhos e deu, então. Só que hoje em dia é diferente".

Entretanto, Luana fez uma combinação com Eduardo em relação a não envolver seus pais em suas brigas: "Agora eu falei pra ele não contar nada quando a gente briga, porque eles moram longe. Não adianta ficar preocupando... mas a mãe percebe pela minha voz já, quando a gente conversa ela percebe que a gente brigou". Dessa forma, tanto Luana quanto Eduardo possuem um relacionamento afetivo e satisfatório com a família de origem do cônjuge, criando laços familiares fortes com a nora e o genro.

Análise do Caso 3:

Eduardo e Luana possuem uma história conjugal caracterizada por muitas divergências em funções de criações em sistemas familiares com hábitos e costumes distintos. Desde o início da relação, os motivos que os uniram referem-se a questões relacionadas às famílias de origem. Luana não tinha a permissão dos pais para sair sozinha e, como confiavam no colega Eduardo, permitiam que saíssem juntos. Eduardo se interessou por Luana, por ser uma "moça de família", tendo um bom relacionamento com os pais dela. A busca de um parceiro está associada a um sistema de crenças e valores nem sempre conhecidos e claros que estão presentes nas famílias e na história de vida de cada ser humano (Guelfi, Frasson & Baltazar, 2006). Na ocasião do noivado, fez-se eminente a questão do alcoolismo, permeada por mentiras, que continuam a assombrar a vida do casal.

O legado do alcoolismo é estudado por autores como Steinglass *et al.* (1989), que verificou a tendência a repetição transgeracional desse tipo de comportamento. Em ambas as famílias, existem histórias de alcoolismo, sendo que na família de Eduardo, o pai é considerado por Luana como alcoolista. Ela teme que o marido incorpore esse legado familiar, por isso, reage, brigando e chegando mesmo a pensar em separação. Também nessa

direção, parece temer tornar-se uma mulher como a mãe de Eduardo, submissa e "coitada", questionando os papéis de gênero da família dele. Luana discorda com os padrões familiares de Eduardo, pelo fato da esposa ser submissa ao marido, "o pai manda e a mãe faz" e por haver falta de companheirismo entre o casal. Nesse sentido, tenta igualar seu casamento com o de seus pais, por serem companheiros, se respeitarem de forma igualitária, não existindo submissão de nem uma das partes. Essa necessidade de compatibilizar as experiências no momento de formação do casal vem ao encontro da afirmação de Falcke, Wagner & Mosmann (2005) de que é momentos de crise que fica mais evidente o poder dos padrões familiares transgeracionais, promovendo ou dificultando a saúde do meio familiar.

A decisão pelo noivado e casamento foi mais pela insistência da família de Eduardo, devido à cultura tradicional. Essa questão é vista por Luana como negativo, pois o desejo do casal era concluir a faculdade para depois oficializar o relacionamento. Percebe-se que a influência da família de origem, nesse caso, é bem significativa. O processo transgeracional é tão intenso entre as famílias que Almeida (2008) afirma que a cultura familiar (com seu dispositivo de representações, afetos, fantasias e relações de objeto) orienta o ser humano em seu modo de ser e de estar no mundo.

O casal começou a perceber as diferenças após o casamento, pois a convivência passou a ser mais próxima, o que acabou gerando certa frustração para ambos. Conforme afirma McGoldrick (2007), tornar-se casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo de vida. Ao esperar encontrar apenas a felicidade nesta união, o casal se depara com os desafios da convivência diária e o casamento, que inicialmente é marcado como uma fonte de satisfação, muitas vezes, acaba trazendo inúmeras frustrações (Mosmann, Wagner & Féres-Carneiro, 2006). Nesse sentido, Willi (1985) define os problemas e as dificuldades dos casais como resultado de um jogo de expectativas inconscientes de conflitos não resolvidos desde as etapas iniciais da infância e formação da personalidade.

Eduardo e Luana demonstram estar ainda muito vinculados com as famílias de origem. Apesar de valorizarem a família do cônjuge, querem seguir o modelo de seus próprios pais, envolvendo-se em um conflito de lealdade. No momento as vivências no núcleo familiar de cada cônjuge estão muito presentes, os quais buscam reviver em seu relacionamento, sem perceber a importância de renegociar as questões oriundas do passado e criar um novo sistema familiar. Mas será que ambos estão dispostos a essa renegociação? Nessa fase de transição, demonstram dificuldade no processo de separação-individuação, considerando que estão perdendo o contato com as suas famílias na medida em que incrementam o vínculo conjugal. Poderia ser esse o motivo das brigas tão constantes? Um dificuldade de implementar o NÓS, de forma mais autônoma em relação às famílias de origem? O casamento de Luana e Eduardo sofre múltiplas influências das famílias de origem: casaram pelos costumes da família dele e não se separaram, pois os pais dela vieram para auxiliar. Essa forma de conjugalidade faz pensar que o casal vem contribuindo para o emaranhamento familiar, dificultando o processo de separação-individuação, necessário para torna-se casal.

INTEGRAÇÃO DOS CASOS

Através das descrições individuais de cada caso, é possível realizar a integração das características semelhantes e distintas apresentadas individualmente pelos casais. Em relação a como os casais descrevem o casamento, observou-se que, para os casais 1 e 2, o relacionamento conjugal está satisfatório, já o casal 3 vem passando por um momento "complicado", conforme descrevem. Porém, os três casais demonstram dificuldades em aceitar alguns conteúdos contidos na bagagem do cônjuge a união dos sistemas de crenças das famílias de origem parece ter sido a tônica dos anos iniciais do casamento. Gisele se incomoda com o fato de Lucas ser solidário e bondoso com as pessoas. Lucas, por sua vez, tenta mudar o jeito "cherifona" que Gisele repete de sua mãe. Aline demonstra sofrimento

psíquico ao ser totalmente submissa, abandona seus desejos em função do ciúme excessivo de Davi. Diferentemente de Luana, que luta o tempo todo para não ser submissa como sua sogra, causando sofrimento a Eduardo em ter que se adaptar aos padrões familiares de Luana, como condição para o casamento dar certo, como ter que deixar o hábito de beber, que experienciou com seu pai, que traz do seu avô e assim sucessivamente.

A partir dos relatos dos casais, denota-se a dificuldade para integrarem as experiências trazidas de cada família de origem. Ao contrário do que muitos pensam, a formação da conjugalidade é um dos processos mais difíceis do ciclo evolutivo vital, pois quando um casal se une, unem-se também sistemas familiares diferentes. Conforme afirma Krom (2000), a formação do casal e, conseqüentemente, de uma nova família, se dá através do encontro dos sistemas familiares. Quando as pessoas se casam, acontece o encaixe entre sistemas míticos de duas estruturas diferentes. Neste momento, o que normalmente acontece é que os mitos da família de um dos cônjuges passam a nortear a estrutura da família atual, enquanto os da família do outro cônjuge ficam como complementares, encaixando-se aos principais.

Dessa forma, o casal precisa negociar as questões oriundas da família de origem, adaptar-se a novos papéis e estruturar seu núcleo familiar, a partir da construção da identidade conjugal. Esse processo pode ser uma oportunidade de tecer outras histórias, mas também traz riscos, pois, nem sempre é possível ao casal, com crenças e valores diferentes, realizarem negociações. Conflitos podem surgir quando, no casamento, os mitos se encaixam, mas não conseguem se ajustar. Nestes casos, os casais não avançam por meio dos processos afetivos e relacionais que ocorrem na construção do casamento e, muitas vezes, são necessários acordos em áreas que não são passíveis de serem negociadas por um dos cônjuges. Pode haver, então, um agravamento nos conflitos a ponto de paralisarem ou criarem rupturas no casamento (Andolfi & Angelo, 1989; Krom, 2000). Dificuldade essa em encontrar a complementaridade que parece estar sendo vivenciada de forma mais intensa pelo casal 3.

Observa-se que há o reconhecimento pelos três casais de que as experiências vivenciadas na família de origem são relevantes para a construção do seu relacionamento. Eles tentam seguir aspectos que observam como positivo e agir diferente com relação ao que consideram negativo do casamento de seus pais. No casal 1, para Gisele, seus pais são os modelos de relacionamento: "Meus pais. Meu pai é o tipo de marido que eu queria! Meu pai é apaixonado pela minha mãe. Ele aceita tudo!", enquanto Lucas tem seu pai como "espelho". Da mesma forma, no casal 2, Aline admira a confiança e respeito que seus pais têm no relacionamento, ao mesmo tempo em que Davi considera positivo o fato de seus pais não discutirem "dá a impressão de que nunca tem problema. Aí, eu e a Aline, ah eu cuido!" Assim como para o casal 3, Luana tem grande admiração pelo casamento de seus pais "eu admiro muito o jeito que o meu pai e minha mãe se tratam, sabe assim os dois, e eu tento ser assim no meu casamento, só que o Edu já é de uma família diferente". Eduardo, por sua vez, gostaria que seu casamento tivesse mais tranquilidade como de seus pais, no qual sua mãe aceita as atitudes de seu pai, evitando brigas e discussões "é trangüilo pelo jeito como eles vivem. A mãe é tranqüila, nem se estressa, sabe que o pai toma demais, né, essas coisas, mas nunca brigaram por causa disso". Essas descrições vêm ao encontro da definição de Zordan, Falcke e Wagner (2005) de que as vivências na família de origem são repetidas pelo sujeito, por motivações conscientes ou inconscientes ou pela assimilação dos modelos parentais. Assim, a observação que as pessoas fazem do relacionamento de seus pais passa é considerada como modelo em seus relacionamentos.

Outra questão a ser discutida é que os casais ainda estão muito vinculados à família de origem. Nos casos 1 e 2, cada cônjuge almoça com sua família de origem e, incluindo o caso 3, praticamente todos os finais de semana e momentos de lazer estão voltados à família de origem, impedindo a criação de novos laços de amizades e crescimento enquanto casal. Observou-se um sofrimento psíquico em distanciar-se das famílias nucleares nos três casos.

Na fala de Lucas "então eu quero estar sempre por dentro das coisas que acontecem com eles, querer ajudar eles". Assim como para Aline "É que eu sinto uma obrigação sabe, que tenho que tá perto". Falcke, Wagner e Mosmann (2005) ressaltam sobre a importância da realização do processo de separação-individuação saudável da família de origem para a constituição do novo casal, para a criação de uma identidade conjugal, com relacionamentos íntimos satisfatórios e prazerosos. Em relação ao vínculo com as famílias de origem, surge a representação de famílias emaranhadas, protegidas contra o exterior, com fronteiras rígidas, reduzindo o desenvolvimento de uma posição mais individualizada do sujeito e do casal, o que favoreceria a capacidade de adaptação a partir da ligação com o exterior (Alarcão, 2002).

Apesar do emaranhamento familiar presente, o caso 1 demonstra estar vivenciando uma fase de transição, na qual buscam construir a identidade conjugal a partir de uma maior individuação. Percebe-se uma maturação de Lucas em relação a sua família de origem em não ser mais o "bebê" da mãe. Nos casos 2 e 3, percebe-se que ainda estão muito apegados aos padrões das famílias de origem, em que Luana (caso 3) luta para tornar sua conjugalidade como a de seus pais, enquanto Eduardo repete modelos familiares. Ao mesmo tempo em que o casal 2 precisa responder as demandas de suas famílias de origem, impossibilitando um distanciamento para a construção mais sólida do vínculo e identidade conjugal "sempre que fizemos janta aqui em casa, a mãe quer que a gente faça ali na dela, ou eles vem aqui jantar com nós" (Aline).

A possibilidade de avaliar os casais e suas famílias, a partir das entrevistas com o casal, com as famílias de origem e com cada cônjuge individualmente, propiciou uma riqueza significativa de materiais sobre como podem ser percebidos os reflexos das experiências vivenciadas nos núcleos originais para a construção do relacionamento atual. Muitos aspectos são trazidos conscientemente pelos casais, mas muitos outros aparecem de forma sutil no jeito de relacionar-se, na forma de expressar seus desejos, conquistas e insatisfações. Sendo assim,

percebe-se que a construção do vínculo conjugal é um processo complexo, determinado pela confluência de inúmeras variáveis, dentre elas às experiências que os cônjuges vivenciaram no passado. Mais do que prisioneiros do destino traçado pelos ancestrais, compreende-se que, tomando consciência daquilo que se traz na bagagem e do peso que ela representa em suas vidas, os cônjuges poderão sentir-se mais livres para assumirem seus próprios caminhos.

Considerações Finais

Os depoimentos dos participantes sobre sua história conjugal possibilitaram compreender que *tornar-se* casal é um caminho longo e complexo a ser percorrido. Nessa trajetória, a forma como o casal assume e se apropria em relação às bagagens que carrega é determinante sobre onde será possível chegar. Porém, ao longo do percurso, os cônjuges deparam-se com bagagens que não são suas, mas que precisam assumi-las, e por vezes até carregá-las, por mais estranhas e distintas que pareçam. Essas bagagens não contém apenas conteúdos do cônjuge, mas também do pai, da mãe, dos irmãos, dos avós e até de pessoas que muitas vezes nem conheceram, mas que de alguma forma, consciente ou inconscientemente deixaram marcas em sua vida. Foi com o intuito de entender os reflexos dessas marcas na formação da conjugalidade que surgiu o problema desse estudo: Como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos inicias do casamento?

Para tanto, foi realizado um estudo de casos com três jovens casais, em primeira união, com no máximo dois anos de coabitação. Observou-se que cada casal tem seu tempo para percorrer o caminho e chegar ao seu destino. No entanto, muitos acontecimentos, no decorrer do percurso, foram comuns aos casais investigados. Um dos acontecimentos semelhantes foi a dificuldade em adaptar-se com as bagagens do outro. Por vezes, eram pesadas e difícil de carregar, ocorrendo o desejo consciente ou inconsciente de deixá-las pelo caminho. Mas e o dono da bagagem também ficaria para traz? Se assim ocorresse, poderia considerar-se que existe conjugalidade?

Outro acontecimento a ser mencionado é que, muitas vezes, os casais estão seguindo passos à diante e, por outras vezes, voltam para traz, denotando resistência em seguir um novo caminho para a independência conjugal e limitando o distanciamento com suas origens. A separação-individuação é necessária para o fortalecimento enquanto casal, para criarem objetivos em comuns e alcançá-los. O ideal seria que os cônjuges tivessem vivenciado um processo de separação-individuação satisfatório em relação às suas famílias de origem, não renunciando aos legados, nem interceptando os caminhos que os ligam, mas adquirindo autonomia para assumir suas decisões e escolhas. Para isso, também é importante o papel da família de origem, apoiando, compartilhando e celebrando as mudanças inerentes a etapa do ciclo vital em que os filhos se encontram. Enfim que a família ajude para que o casal chegue ao final do percurso, sem deixar suas bagagens pelo caminho, mas que elas possam ser adaptadas e renegociadas para uma possível convivência à dois.

Referências

Alarcão, M. (2002). (Des) Equilíbrios Familiares. Coimbra: Quarteto.

Andolfi, M., & Angelo, C. (1989). *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Andreassa, E. (2008). Casamento: Relações (Im)perfeitas? - paralelo entre a Abordagem Corporal e a Sistêmica. *Anais do Encontro Paranaense, Congresso Brasileiro, Convenção Brasil/Latino-América*. Recuperado em Agosto 08, 2009 de www.centroreichiano.com.br. Barbach, L., & Geisinger, D. L. (1998). *Juntos para sempre: os segredos para uma relação duradoura*. São Paulo: Ágora.

Borghetti, R., Lech, M. B. & Martins, P. C. R. (2001). Casamento e família de origem: Lealdade Invisível. *Revista de Estudos de Psicologia*, 18 (1), 5-11.

Elkaim, M. (1990). Se você me ama, não me ame: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal. Campinas: Papirus.

Falcke, D., Wagner, A., & Mosmann, C. (2005). Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. Em: A. Wagner (2005). *Como se perpetua a família? A transmissão transgeracional do legado familiar* (pp.67-79). Porto

Alegre: EDIPUCRS.

Féres-Carneiro, T. (2005). Entrevista Familiar Estruturada (EFE): um método clínico de avaliação das relações familiares. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 11* (2), 379-394.

Freitas, C. M. (2002). A relação de casal e os novos arranjos. Monografia. *Movimento:*

Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis. Recuperado em Agosto 10, 2009 de

http://www.sistemica.com.br/docs/Carla%20Freitas.doc.

Guba, E. G. (1981). Criteria for assessing the trustworthiness of naturalistic inquiries.

Educational Communication and Technology, 29, 74-91.

Guelfi, E. C., Frasson, C. A., & Baltazar, J. A. (2006). Análise dos Fatores que Levaram à Escolha do Cônjuge em Indivíduos Pesquisados na Cidade de Londrina e Região. *Revista Terra e Cultura*, 22 (43), 81-89.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008). Estatística do Registro Civil de
 2008; Malha municipal digital do Brasil: situação em 2008. Rio de Janeiro: IBGE.

Recuparado em Julho 29, 2009 de http://www.ibge.gov.br.

Jablonki, B. (2003). Atitudes frente à crise do casamento. Em T. Feres-Carneiro (Org).

Casamento e Família: do Social à Clínica (pp. 81-95). Rio de Janeiro: NAU Editora.

Krom, M. (2000). Família e mitos. Prevenção e terapia: resgatando histórias. São Paulo: Summus.

McGoldrick, M. (2007). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mosmann, C., Wagner A. & Féres-Carneiro, T. (2006). Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, *16 (35)*, 315-325.

Olabuénaga, J. I. R. (1996). *Metodología de la Investigación Cualitativa*. Espanha: Universidad de Deusto Bilbao.

Silva, M. M. (2008). Casamento: Dos Contos de Fadas à Realidade. Revista Online.

Recuperado em Outubro 07, 2009 de www.agatef.com.br/.../102008.

Silveira, T. M. (2007). Terapia e Atendimento Familiar. Instituto de Gestalt, 4 (7), 116-236.

Steinglass, P, Bennett, L., Wolin, S., & Reiss, D. (1989). *La familia alcoholica*. Barcelo: Gedisa.

Wagner, A., & Falcke. D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade. *Psicologia Clínica*, 13 (2), 11-24.

Willi, J. (1985). La pareja humana: relación y conflicto. Madrid: Morata.

Yin, R. K. (2005). Estudo de Caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman Zordan, E. P.; Falcke, D. & Wagner A. (2005). Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico contextuais do casamento. Em: Wagner, A (Org.) Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares (pp. 47-65). Porto Alegre: EDIPUCRS.

ANEXOS

Anexo A – Parecer Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS Unidade de Pesquisa e Pós-Graduação (UAP&PG) Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

Versão março/2008

UNIDADE DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA RESOLUÇÃO 067/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS analisou o projeto:

Projeto: Nº CEP 10/041

Versão do Projeto: 26/05/2010

Versão do TCLE: 26/05/2010

Coordenadora:

Mestranda Josele Nadin Venturini (PPG em Psicologia)

Título: Conjugalidade nos anos iniciais do casamento: experiências na família de origem.

Parecer: O projeto foi APROVADO, por estar adequado ética e metodologicamente, conforme os preceitos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A pesquisadora deverá encaminhar relatório anual sobre o andamento do projeto, conforme o previsto na Resolução CNS 196/96, item VII.13, letra d. Somente poderá ser utilizado o Termo de Consentimento onde conste a aprovação do CEP/UNISINOS.

São Leopoldo, 26 de maio de 2010.

Prof. Dr. José Roque Junges Coordenador do CEP/UNISINOS



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Eu, Josele Nadin Venturini, psicóloga (CRP-07/12.915) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), estou realizando meu Projeto de Pesquisa sob a orientação da Professora Dra Denise Falcke. Este projeto tem como objetivo compreender como as experiências na família de origem se refletem na vivência da conjugalidade nos anos iniciais do casamento, buscando identificar a forma como as experiências passadas podem contribuir para a satisfação ou promover dificuldades na relação do casal.

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa. O seu envolvimento com a pesquisa implica em participar de entrevistas a serem realizadas individualmente, com o casal ou com a sua família de origem. Nas entrevistas, você será solicitado(a) a responder questões sobre a sua história de vida e sobre o seu casamento. Você poderá se recusar a responder qualquer pergunta que lhe cause algum constrangimento, como também poderá fazer perguntas sobre o andamento da pesquisa e sua participação em qualquer momento.

Os relatos das entrevistas realizadas serão utilizados como fonte de dados para o estudo. Todas as entrevistas serão filmadas, para posterior transcrição dos dados e ficarão em poder da pesquisadora por cinco anos, quando serão descartadas. Embora os resultados derivados da pesquisa possam ser publicados em revistas científicas, a sua identificação pessoal será totalmente preservada.

A sua participação no estudo será voluntária e você tem a liberdade e o direito de optar pela não participação ou, a qualquer momento, desistir. Para maiores esclarecimentos, você poderá entrar em contato com a Profa Dra Denise Falcke, na Unisinos, pelo telefone (51) 3590-8328, ou com a pesquisadora Josele Nadin Venturini, pelo fone (55) 9942-1323.

O seu consentimento para participar da pesquisa dependerá de sua assinatura ao presente Termo, emitido em duas vias, uma que será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra, que ficará com você.

Josele Nadin Venturini - CRP 07/12.915

Declaração de Consentimento

Confirmo ter conhecimento sobre os objetivos e procedimentos para a realização desta pesquisa. A minha assinatura abaixo indica que concordo com a participação nessa pesquisa e por isso dou meu consentimento, autorizando, inclusive, o uso das imagens resultantes deste estudo.

	de de 2010.
Assinatura do participante da pesquisa	Nome do participante
Av. Unisinos, 950 Caixa Postal 275 CEP 93022-000 Fone: (51) 3591-1198 ou ramal 2198 Fax: (51)	CEP - UNISINOS VERSÃO A BRONADA